CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA – UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Simone Chaves Rosa de Almeida

AS INFLUÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: LETRAMENTO RACIAL E FORMAÇÃO AFETIVA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Rio de Janeiro – RJ
2025

Simone Chaves Rosa de Almeida

As influências das tecnologias na educação: letramento racial e formação afetiva na construção de identidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Profa. Dra. Veronica Eloi de Almeida
Profa. Dra. Ana Paula Legey

Rio de Janeiro – RJ
2025

SIMONE CHAVES ROSA DE ALMEIDA

AS INFLUÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: LETRAMENTO RACIAL E FORMAÇÃO AFETIVA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
VERONICA ELOI DE ALMEIDA
Data: 24/06/2025 12:09:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Veronica Eloi de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Alessandro Jatobá, D. Sc. (UniCarioca)

Prof. Flávio Silva Corrêa de Mello, D. Sc. (UFF/IDR)

Rio de Janeiro

2025

A444i Almeida, Simone Chaves Rosa de
As influências das tecnologias na educação: Letramento racial e formação afetiva na construção da identidade / Simone Chaves Rosa de Almeida; orientador: Verônica Eloi de Almeida; coorientadora: Ana Paula Legey de Siqueira. – Rio de Janeiro, 2025.
100 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2025.

1. Letramento racial antirracista; 2. Afetividade. 3. Ancestralidade. 4. Representatividade. I. Almeida, Verônica Eloi de, prof. orient. II. Siqueira, Ana Paula Legey de, prof. coorient. III. Título.

CDD 371.344

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que vieram antes de mim e tiveram sua existência apagada e que direta ou indiretamente fizeram parte deste processo de aprendizado que há dois anos venho trilhando.

À minha família, por me amparar nos momentos solitários de aprendizado, tendo paciência nos momentos de ausência me apoiando incondicionalmente, mesmo nos desafios mais difíceis.

Aos professores e orientadores, que com sabedoria e grande generosidade me sustentaram intelectualmente, contribuindo profundamente para a minha formação e construção de aprendizado neste caminho de intensa imersão.

Aos meus colegas que trilharam este caminho comigo, produzindo uma troca imensurável de angústias, sofrimentos e principalmente conquistas que só quem vive este processo sabe como são intensas.

E, em especial, dedico este trabalho a tantas vozes silenciosas que me inspiraram para esta pesquisa, e que me fizeram resistir e persistir acreditando que o conhecimento tem o poder de sustentar e instrumentalizar para uma transformação social efetiva e afetiva.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste mestrado representa não apenas uma etapa cumprida, mas também o resultado de um processo marcado por muitos desafios, descobertas, redescobertas, aprendizados e, sobretudo, encontros que vão marcar minha vida significativamente. A cada pessoa que, de alguma forma, esteve ao meu lado contribuindo com meu caminhar nesta jornada, deixo aqui meus sinceros agradecimentos e gratidão.

A Deus e a meus Orixás por me conceder força, serenidade e discernimento nos momentos difíceis de incertezas.

A minha orientadora, Verônica Eloi pela confiança, paciência, acolhimento e valiosas contribuições teóricas e metodológicas. Sua escuta atenta e afetiva foram fundamentais para meu amadurecimento neste trabalho e trajetória como pesquisadora.

Aos professores e professoras deste programa de Pós-graduação em Novas Tecnologias Digitais da Educação pelas aulas, pelo incentivo aprimorando reflexões críticas e ao compromisso com a produção de conhecimento individual e coletivo de grande relevância neste processo.

À minha família, pelo amor incondicional, apoio emocional e incentivo em meu processo de aprendizado permanente, principalmente nos momentos de angústia e sofrimento em que o desejo de desistir estiveram tão presentes. Vocês são fundamentais na minha vida e em minha trajetória enquanto ser humano e são minha motivação diária para ser uma pessoa melhor.

Aos colegas de turma e amigos que partilharam estes momentos comigo, e aqui tenho que ressaltar minhas companheiras, Cláudia, Cristiane, Marcia e Priscila: obrigada pelas conversas, pelas muitas risadas e pelo suporte diante das dificuldades. O companheirismo dentro e fora do ambiente institucional de vocês fez esta jornada mais leve e feliz.

À instituição Unicarioca que me acolheu e a todas as pessoas que dela fazem parte que direta ou indiretamente contribuíram e contribuem para fazer desta formação um ambiente caloroso e receptivo.

À minha mãe, Jardeil Rosa, minha inspiração de força, amor, coragem e determinação incondicional. Sua dedicação e seu apoio foram fundamentais para minha trajetória e me fizeram chegar até aqui. Cada conquista minha vem marcada

por seus exemplos. Obrigada por segurar minha mão em todos os momentos da minha vida, as minhas vitórias são tão minhas quanto suas.

Ao meu irmão, Jadir Chaves de Almeida (in memoriam), por ser a primeira pessoa a me levar e tentar fazer com que as limitações sociais não me parassem. Obrigada por me fazer conhecer as lutas raciais e, mesmo que não naquele momento dando a criticidade necessária para o aprendizado, abriu as primeiras portas que hoje me levaram ao processo de aprendizado que me fez chegar até aqui. Onde estiver saiba que você foi fundamental para que este momento acontecesse.

À minha companheira de vida e o grande amor da minha vida, que com paciência, afeto e amor, percorreu este caminho ao meu lado, superando os momentos de ausência com carinho, suportando os meus momentos mais tensos com doçura e fazendo dos meus dias mais leves e amorosos. Obrigada por tudo e com tudo.

E, por fim, agradeço a todas as pessoas que, mesmo sem saber, me inspiraram e inspiram na construção deste trabalho e que este, possa de alguma forma, contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, comprometida com a transformação social por meio de uma educação antirracista e plural.

A criança que não é abraçada pela vila vai
queimá-la para sentir o seu calor.

(Provérbio Africano)

RESUMO

Esta dissertação apresenta a problemática da educação antirracista, em pesquisa realizada com professores do município de Niterói, visando potencializar, dentro de nossos ambientes escolares, discussões e um maior engajamento para a produção de letramento racial com afetividade. Teve-se como objeto principal a UMEI Renata Gonçalves Magalde, uma unidade de educação infantil localizada numa comunidade com público escolar predominantemente negro e pardo. A ferramenta escolhida foi uma sequência didática, que contou com um questionário digital para obtenção de dados que abordam questões sob o ponto de vista histórico da legislação de cunho afro-brasileiro, acompanhado da legislação municipal sobre este tema, a fim de evidenciar como se dá o desenvolvimento das legislações dentro do ambiente escolar pelos docentes e o conhecimento de ações de uma educação antirracista, abordando a questão do protagonismo negro. Como objetivo geral do trabalho, pretendeu-se identificar pilares partidos e desenvolver competências que promovam um letramento racial na educação infantil, de forma a diminuir as lacunas da desigualdade. A metodologia adotada na pesquisa utilizou o levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e a elaboração de uma ferramenta digital que facilite o entendimento de forma lúdica sobre o fazer de um educador antirracista e o poder do letramento racial neste processo. Os resultados da pesquisa têm como objetivo propor práticas pedagógicas que potencializem uma visão global sobre o racismo e suas consequências, dentro e fora do ambiente escolar, e fazer com que as tecnologias digitais sejam aliadas para que essas lacunas estejam cada vez mais distantes de nossos espaços educacionais.

Palavras-chave: Letramento racial; antirracismo; afetividade; ancestralidade; representatividade.

ABSTRACT

This dissertation presents the issue of antiracist education developed for teachers in the municipality of Niterói, aiming to enhance discussions and foster greater engagement within our school environments for racial literacy carried out with affectivity. The main objective is focused on Umei Renata Gonçalves Magaldi, an early childhood education institution located in a predominantly Black community. To achieve this, the educational tool will be a didactic sequence that includes a digital questionnaire for data collection, addressing perspectives from the historical view of Afro-Brazilian legislation, along with municipal legislaton on this theme. It seeks to demonstrate how the development of these legislations within the school environment can empower teachers and promote knowledge of an antiracist education. The general objective of this work is to guide educational practices and develop competencies that foster racial literacy in early childhood education, helping to reduce gaps in inequality. The adopted methodology involves bibliographic research, field research, and the creation of a digital tool that facilitates understanding in a playful way about the role of an antiracist educator and the power of racial literacy in this process. The research results aim to propose pedagogical practices that enhance a global vision of racism and its consequences both inside and outside the school environment and ensure that digital technologies become allies in overcoming the gaps that still exist within our educational spaces.

Keywords: Racial literacy; antiracism; affectivity; ancestrality; representativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As barreiras sociais da ”cidade sorriso”.....21
Figura 2 – Onde não me vejo, não me (re)conheço 24
Figura 3 – O racismo estrutural como forma de exclusão digital 26
Figura 4 – Resumo dos caminhos percorridos na construção do trabalho.....29
Figura 5 – Esquema de etapas da pesquisa bibliográfica 30
Figura 6 – Achados relevantes da preliminar de pesquisa 37
Figura 7 – A educação como ato político 41
Figura 8 – Leitura como ato revolucionário 44
Figura 9 – Formação e diálogos.....45
Figura 10 – Objetivos com essa sequência.....46
Figura 11 – Ubuntu.....47
Figura 12 – Processos e descobertas solitárias 47
Figura 13 – Educação antirracista.....48
Figura 14 – Aprender e reaprender para educar 49
Figura 15 – Capa do *e-book*.....57
Figura 16 – Construindo possibilidades pedagógicas 58
Figura 17 – Letramento racial como forma efetiva de resistência 60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A análise e delimitação por tempo de atuação de profissionais no município de Niterói em suas áreas, fator importante para traçar possíveis mudanças nesses períodos no perfil profissional 32
Gráfico 2 – Identificação de cada segmento de atuação profissional que compõe o espaço escolar, possibilitando análise das funções e suas contribuições 33
Gráfico 3 – Análise para melhor compreender como o aprendizado sobre letramento racial está sendo construído no espaço escolar com todos os profissionais, para evidenciar desconhecimento, além de destacar boas práticas existentes 33
Gráfico 4 – Avaliar o conhecimento de leis que possibilitam e efetivam a aplição de práticas antirracistas no ambiente escolar e o nível de compreensão dos profissionais de educação sobre conceitos estabelecidos nesse instrumento de resistência 34
Gráfico 5 – Avaliar o ambiente escolar como um condutor para promoção de práticas antirracistas e se estas estão sendo implementadas nas atividades e relações diárias no processo de formação e instrução de seus profissionais 34
Gráfico 6 – Analisar o espaço escolar como estrutura social e verificar a reprodução dessa estrutura pelos indivíduos em formação no ambiente escolar, visando o aprimoramento de práticas antirracistas 35
Gráfico 7 – Identificar as políticas públicas do município de Niterói sobre ações antirracistas e se estas são implementadas no ambiente escolar pelos profissionais desses espaços.....35
Gráfico 8 – Avaliar a implementação, no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar, de temas antirracistas que possibilitem uma construção coletiva de ações que contemplem o letramento racial.....36
Gráfico 9 – Avaliar o uso de tecnologias no ambiente escolar na promoção do conhecimento diário para o aprendizado dos estudantes 36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 Inquietação 13
1.2 Caracterização do problema 14
1.3 Tecnologia na educação 15
1.4 Relevância 16
1.5 Objetivos 16
1.5.1 Objetivo geral 16
1.5.2 Objetivos específicos 17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18
2.1 O município de Niterói e a população negra 21
2.2 A Lei nº 10.639/2003 e sua aplicabilidade no município de Niterói 23
2.3 O poder tecnológico na formação de professores como potência efetiva na construção do letramento racial 24
2.4 O letramento racial com afetividade e de forma efetiva 26
3 PERCURSO METODOLÓGICO 28
3.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica 29
3.2 Preliminar de pesquisa exploratória com coleta de dados 31
3.3 Preliminar de pesquisa: considerações e análise 37
3.4 A sequência didática (SD) e a sua elaboração 40
3.5 Trocas de experiências 41
3.6 Literatura: leitura compartilhada 44
3.7 Tecnologia: estratégias pedagógicas no combate ao racismo com roda de conversa 47
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO 55
4.1 Avaliação e reflexão sobre o aprendizado 56
4.2 *E-book*: construção e seus desafios 56
5 CONCLUSÃO 61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 64
APÊNDICES 65
APÊNDICE A – Ficha de Material Didático 65
APÊNDICE B – Software/aplicativo (programa de computador) 67

1 INTRODUÇÃO

1.1 Inquietação

Sou uma mulher preta e professora do município de Niterói desde 2013, mas já lecionei em outros municípios. Em todos os meus ambientes de trabalho, foi notório o distanciamento que tanto professores quanto alunos têm da cultura afro-brasileira. Atualmente, trabalho em um local onde 90% dos alunos são negros ou descendentes, e percebo que muitos não se reconhecem ou têm dificuldade para se reconhecerem como parte desse grupo étnico-racial, tanto no local em que moram quanto no ambiente escolar, que, muitas vezes, se entrelaçam e ramificam.

Em razão desse fato, foi percebida a necessidade de que esses indivíduos potencializem, a partir da educação infantil e de forma prática, sua identificação, para transformá-la em uma forma expressiva de conhecimento sobre suas origens ancestrais, tornando-se, assim, agentes políticos multiplicadores desse conhecimento em seu meio social.

Por muitas vezes, como profissional, me deparei com questões que me levaram a perguntas sem respostas, no entanto, foram esses questionamentos que me provocaram e me provocam diariamente e me fazem questionar a falta de diálogo antirracista e a cultura afro no aprendizado em sala de aula. Acredito que a falta de conhecimento por parte de alguns profissionais da educação cria um grande abismo no processo de aprendizagem. Percebo um discurso sem construção, sem reflexão e/ou sem interesse.

Penso que o uso de novas tecnologias possibilite a construção de pontes que auxiliem e contribuam para o letramento racial, permitindo a criação de uma estrutura que reconheça a partir da educação infantil a necessidade urgente de criação de diálogos que intensifiquem modos de aprender. Nesse sentido, as tecnologias podem ser utilizadas não só como ferramentas, mas como linguagem e recursos de mediação, sendo grandes aliadas para fazer com que esse distanciamento cultural e de pertencimento seja diminuído para fortalecer e ampliar narrativas diversas. Utilizar e apresentar novas formas de conhecimento de mundo, que se aproximem de um microespaço (sala de aula) e o transformem em uma rede de saberes que perpasse limitações institucionais e possa ser representativa para os indivíduos, é fundamental no processo de aprendizado.

O uso de novas tecnologias na educação infantil pode agregar ferramentas para trabalhar e motivar a discussão sobre a cultura afro-brasileira, fazendo com que o aluno se reconheça em um espaço tecnológico dentro do seu local de aprendizado. As ferramentas tecnológicas podem ajudar a construir um indivíduo questionador sobre o seu lugar de fala e reflexivo sobre o seu poder modificador e reprodutor desse conhecimento, de maneira que a troca seja a peça mestra dessa engrenagem e foque na construção da consciência de um agente político e politizado no letramento racial.

Esta dissertação constrói-se sobre a perspectiva de possibilitar caminhos a favor de uma educação antirracista e um olhar de relevância dos estudos e práticas antirracistas de docentes como ponte fundamental no combate ao racismo. A educação é a mola propulsora do equilíbrio social, e é fundamental que os professores tenham conhecimento e engajamento afetivo para promover mudanças efetivas na construção de um pensamento antirracista, para a produção de propostas pedagógicas contra conceitos antiquados que há décadas assombram a população brasileira.

Para tanto, é preciso fomentar uma formação que entenda conflitos, medos e dores e que mexa em feridas, para ultrapassar pontes e abrir portas em ambientes e espaços que são de todos, mas aos quais poucos tiveram acesso. O aprendizado tende a se fazer um eterno afetar-se para se fazer potência em um movimento multiplicador e real.

1.2 Caracterização do problema

Grandes avanços foram percebidos nas políticas públicas e na legislação brasileira, como na Lei nº 10.639/2003, que tem como proposta principal a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, porém o racismo ainda se movimenta de forma estrutural e cotidiana no espaço escolar. Assim, a escola, que deve servir como uma potente estrutura institucional promotora da igualdade, muitas vezes é reprodutora contumaz de práticas discriminatórias.

Trindade (2008, p. 7) destaca que:

> Fascina-me ver que os corpos humanos são tão diversos e ao mesmo tempo tão iguais. Isso se aplica a tudo no mundo, mas é instigante observarmos a nossa rica diversidade e, ao mesmo tempo, triste ao perceber como há uma tendência ainda hegemônica em justamente capturar essas diversidades, aprisionando-as em padrões mercadológicos.

Essa afirmativa explica o fato de que a maior parte dos professores e alunos pouco se apropria de temas e discussões sobre a cultura afro-brasileira. Conforme mencionado, na escola onde atuo, 90% dos alunos são negros ou descendentes, e percebe-se que muitos não se reconhecem ou enfrentam dificuldades para se identificarem com esse grupo étnico-racial. Segundo Carine (2023, p. 50), “a dissimulação do racismo dificulta a percepção cotidiana desse gigantesco mal social”.

Desse modo, é relevante um processo escolar que leve em consideração o multiculturalismo. Para Candau (2000), o multiculturalismo deve ser entendido como uma realidade social, de forma que abra portas para o real e não para um imaginário de igualdade, onde os grupos possam se reconhecer como integrantes de um espaço facilitador para o aprendizado, se compreendendo como parte e não como um todo, justificando a quebra de barreiras e diminuindo as lacunas em nossa história de negligência.

As barreiras muitas vezes construídas pelo sistema educacional são uma ponte para uma desigualdade que se torna excludente, contribuindo para a construção cada vez mais presente de dominadores e dominados, constituindo uma hegemonia entre raças e uma aniquilação de um pensamento político e politizado (Nectoux, 2021).

Nesse contexto, o problema desta pesquisa é a falta de trabalhos efetivos e afetivos no espaço escolar sobre o letramento racial na promoção de ambientes acolhedores; entretanto, mesmo diante dessas barreiras no âmbito escolar, é possível pensar em práticas pedagógicas que considerem o tema da educação antirracista, com o auxílio das novas tecnologias.

1.3 Tecnologia na educação

É inegável a importância das novas tecnologias na educação, na construção do conhecimento e em toda forma de aprendizado, sendo sua utilização oportuna para a abordagem de temas essenciais, como o letramento antirracista.

Constata-se que as tecnologias digitais têm desempenhado um papel fundamental na visibilidade das questões raciais, facilitando a identificação e a denúncia de práticas discriminatórias e injustiças, a articulação de movimentos sociais, a mobilização de pessoas e a criação de políticas públicas mais eficazes em prol do combate ao racismo ou na conscientização e educação da sociedade.

Através da utilização das novas tecnologias digitais – internet, celulares, inteligência artificial, etc.) –, além do estímulo à pesquisa e investigação como processos de construção do conhecimento, diversas habilidades e competências podem ser desenvolvidas para trabalhar temáticas como as das leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Para tanto, faz-se necessário afetar-se de forma efetiva nas escolas, onde os desafios contemporâneos fazem com que justamente a ausência de práticas que integrem esses elementos de forma significativa impossibilite o professor quanto à construção de conhecimento. Nesse sentido, é importante considerar a fala de Moretto (2007), que destaca que o ensino deve ir além da simples transmissão de conteúdos, promovendo a construção de sentidos e a participação ativa dos sujeitos na aprendizagem.

1.4 Relevância

A lacuna entre o educador e o letramento racial ainda é uma realidade nos ambientes escolares, evidenciando a necessidade de uma formação mais aprofundada sobre a temática. Um profissional bem capacitado pode ressignificar materiais didáticos eventualmente inadequados e explorar de maneira criativa as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No entanto, para que esse trabalho seja mais eficaz, é fundamental o suporte de recursos didático-pedagógicos alternativos, capazes de transformar o *status quo* e ampliar as possibilidades educacionais (Silva, 2001).

Diante desse cenário, torna-se imprescindível que os agentes escolares desenvolvam um letramento multicultural que contemple a questão racial, alinhando-se às novas abordagens e experiências exigidas pelo mundo contemporâneo.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo geral

Propor metodologias de letramento racial a partir de uma sequência didática com apoio das tecnologias digitais para professores e gestores em uma experiência formativa.

1.5.2 Objetivos específicos

- Ampliar, através da integração tecnológica, o acesso ao letramento racial com auxílio de conteúdos antirracistas, gerando uma reflexão sobre identidade, pertencimento e combate ao racismo, valorizando e estimulando as produções de conteúdos digitais para a capacitação de profissionais no ambiente educacional.

- Promover a inclusão da Lei nº 10.639/03 nos espaços escolares, para que se torne efetiva no cotidiano profissional, garantindo capacitação na formação das relações étnico-raciais e na história e cultura afro-brasileira e africana para a educação infantil, interdisciplinarizando e transversalizando os conteúdos para o público de 1 a 5 anos e 11 meses de idade.

- Incorporar práticas que fomentem a reflexão crítica, o respeito à diversidade e o enfrentamento ao racismo para professores da educação infantil, promovendo a autoestima e o sentimento de pertencimento sobre a história e cultura africana, visando a construção do letramento racial nas séries de educação infantil, vislumbrando o fortalecimento da identidade étnico-racial na formação da primeira infância.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O interesse pelo tema se tornou latente a partir da leitura de escritoras negras que falam sobre educação antirracista e letramento racial, como Djamila Ribeiro, Bárbara Carine, Azoilda Loretto da Trindade e Conceição Evaristo. A representatividade nos ambientes escolares deve ser sempre potencializada, pois, como afirma Carine (2023, p. 20), “onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”.

O protagonismo negro deve ser evidenciado e viabilizado para que o movimento das dunas do racismo brasileiro, que vai se ressignificando e se reestruturando com o vento soprado pela ideologia do apagamento cultural, não se torne uma tempestade de subjetividades apagadas. É preciso possibilitar o reconhecimento de identidades como potência.

Em relação a essas identidades múltiplas, pensar sobre corpos diversos inseridos no meio social é também pensar na multiplicidade de ações, em tudo aquilo que está, que é dinâmico e político. De acordo com Silva (2021, p. 76): “São os saberes que podem ser criados e utilizados com base no autorreconhecimento, na busca da transformação para o fortalecimento e construção de potências”.

A construção do conhecimento individual se faz de apropriações que são pensadas e repensadas no coletivo. O educador consciente do seu poder multiplicador não apenas constrói, mas é também construído por saberes que não são estáticos, que se movimentam em ondas, que se criam e recriam a cada afetar-se na construção do outro. Nesse processo, ele se ressignifica e promove encontros de afeto, essenciais para a formação do outro.

Nesse contexto, a professora Azoilda Loretto da Trindade (2010) destaca a afetividade como um dos valores civilizatórios afro-brasileiros. A afetividade, segundo ela, deverá ser entendida como elemento fundamental na construção de saberes raciais e de pertencimento, sempre respeitando as subjetividades de corpos que são únicos e possuidores de histórias. Para Silva (2020, p. 54), em referência à perspectiva de Trindade (2010), “afetar o outro é propiciar a construção de potências, é perceber que cada indivíduo pode e deve ser compreendido nos detalhes de suas necessidades particulares para que possa ser visto e encarado como um ser completo”.

Dessa forma, letramento racial é promover possibilidades de reconhecimento de corpos que sofreram um esvaziamento de referências e proporcionar um reencontro com as suas origens ancestrais. Trata-se de positivar corpos que, ao longo de décadas, sofreram e sofrem com um racismo que não os reconhece como seres cheios de potências. No entanto, os nossos espaços escolares ainda reproduzem um afastamento e apagamento de histórias que positivam o corpo negro.

O racismo estrutural e a meritocracia impõem barreiras sociais e econômicas em todos os ambientes. Um exemplo disso pode ser observado no município de Niterói, onde, segundo matéria do G1, de 13/05/2024, os registros de injúria racial aumentaram quatro vezes em relação ao ano anterior. Vários casos ilustram essa realidade, como o de dois irmãos que sofreram ataques racistas em escolas particulares diferentes: um foi comparado a um macaco em um grupo de *WhatsApp*, enquanto a irmã foi alvo de comentários depreciativos por um colega de escola. Esses episódios evidenciam que o racismo tem o poder de se reorganizar e se ramificar por todos os espaços sociais.

Os discursos negacionistas também perpetuam esse cenário de exclusão, como pontua Lélia Gonzales (1984, p. 226), ao reproduzir falas como:

> Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe de vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas. Nem parece preto.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental uma maior compreensão sobre esses processos e como eles se estruturam e se reestruturam dentro do espaço escolar, sabendo quais os movimentos que estão sendo feitos para um letramento racial que possa efetivamente sanar esses processos, que são tão dolorosos. Além disso, promover ações de pertencimento e reconhecimento que positivem o corpo negro e o potencializem como referência histórica e afetiva faz-se fundamental no espaço escolar. Para isso, é preciso promover discussões através de ações pedagógicas voltadas para o letramento racial na promoção de uma escola antirracista, além de potencializar esse espaço de conhecimento coletivo para que seja também emancipador.

A Lei nº 10.639/2003 foi um importante marco na educação brasileira, principalmente na valorização da cultura e história afro-brasileira nos espaços escolares. Antes de tal lei ser promulgada, a história contada nos espaços escolares era de um ponto de vista que não potencializava as contribuições e a ancestralidade do povo africano escravizado e dos afrodescendentes, com uma visão totalmente eurocêntrica, que incluía o apagamento histórico – que cada vez mais contribuía para a discriminação – e o racismo estrutural – que é o tipo de racismo que está incorporado nas instituições e estruturas sociais, com a exclusão do povo negro de setores da sociedade, mesmo sem a intenção explícita de discriminar.

Durante os anos de 1990, vários movimentos sociais negros, formados por educadores e intelectuais, intensificaram as lutas por uma educação antirracista. Uma dessas organizações foi o Movimento Negro Unificado (MNU), além de outras entidades civis, que pressionaram o estado por políticas públicas que contemplassem a igualdade racial com reformas educacionais.

A criação da Lei nº 10.639/2003 foi um marco histórico de fundamental importância para o reconhecimento e retratação por anos de apagamento do povo negro e suas contribuições na construção do país. Sancionada em 9 de janeiro de 2003, ela alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/96), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas. As principais determinações da Lei nº 10.639/2003 são: inclusão de conteúdo sobre história da África e dos africanos; valorização da cultura afro-brasileira e africana; e celebração do Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

Com o avanço das discussões a respeito dessa temática, aconteceram outros desdobramentos e atualizações, como a ampliação do escopo da Lei nº 10.639/2003 pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu também a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena brasileira, passando, a partir de então, a utilizar a expressão ‘educação das relações étnico-raciais’.

A Lei nº 10.639/2003 é consequência da luta histórica do movimento negro por justiça e equidade, contra o racismo e as desigualdades étnico-raciais. É um indicador da persistência e permanência da injustiça e da busca por equidade. Ancora-se num longo processo de exclusão da população negra do direito à educação (Trindade, 2010).

O grande desafio é a preparação e formação de profissionais da educação que tenham engajamento político para fazer com que nossos ambientes escolares sejam facilitadores na promoção de equidade e justiça social. Desconstruir anos de histórias mal contadas requer esforço e comprometimento, e são necessárias práticas pedagógicas que evidenciem projetos interdisciplinares com a valorização da oralidade e ancestralidade. De acordo com Carine (2023, p. 99), “é só sabendo de onde viemos (olhando para trás) que sabemos quem somos; e é só sabendo de onde viemos e quem somos, a partir da nossa agência ancestral, que conseguimos construir novos passos rumo à emancipação do nosso povo”.

2.1 O município de Niterói e a população negra

Niterói é a terceira melhor cidade do país em qualidade de vida, com IDH de 0,886, de acordo com o COSEAC, e um dos municípios do Rio de Janeiro com o menor número de negros e pardos – cerca de 35,8% (Trindade, 2011). Podemos perceber que as estatísticas mostram que, em locais onde a qualidade de vida se eleva, há uma diminuição da população negra e parda. O embranquecimento da população ou a falta do autorreconhecimento, em que o fator econômico é preponderante, demonstra que a população negra não se faz presente e sofre um apagamento que perpetua o racismo estrutural.

Figura 1 – As barreiras sociais da ”cidade sorriso”



Fonte: Google.

Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. E é justamente o racismo estrutural que facilita o acesso desse grupo (Ribeiro, 2019).

Sendo professora do município de Niterói, percebo que a maioria das escolas e UMEIs (Unidades Municipais de Educação Infantil) está inserida dentro das comunidades, os ‘quilombos do século XXI’, onde os iguais segregados residem e encontram seus pares. Nesse contexto, a escola pode se tornar uma forma afetiva de potencializar a criação de identidades, buscando a ancestralidade de um povo que foi excluído de seu poder histórico/cultural.

O Brasil é um país racista em seu cerne, em toda sua estrutura enraizada em uma colonização desumana. Falar de racismo é promover discussões em busca de uma equidade social e desenvolver profissionais que tenham como objetivo ser antirracistas, propondo um movimento de reencontros afetivos multiplicadores e agregadores de saberes, dores, dissabores, lutas, conquistas e conhecimentos raciais, transformando o espaço escolar em um local de falas e de escutas ativas, que rompam com os diálogos desiguais e enraizados de um racismo que traz uma total falta de compromisso com corpos que têm identidade, ancestralidade e afetos.

Refletir sobre afetividade em tempos em que o cuidado com o outro está cada vez mais escasso é uma tarefa árdua e difícil. Porém, é preciso repensar os caminhos que nossas relações estão tomando, para que possamos retornar a uma sociedade que tenha no afeto uma forma de ação e reação, acolhida como aceitação do outro na sua humanidade e na sua capacidade de mudança. Mas, para que haja aceitação, se faz necessário o diálogo de corpos e culturas (Trindade, 2010).

Dessa forma, são necessárias provocações que criem questionamentos que nos desequilibrem, que nos afetem e que sejam motivadores para combater estruturas rompidas. Ou seja, é preciso tornar o espaço escolar um local político e identitário, que seja um facilitador de dialéticas que rompam com fragmentos de uma sociedade ainda racista, que trata os seus como desiguais.

2.2 A Lei nº 10.639/2003 e sua aplicabilidade no município de Niterói

Através de lutas incansáveis de movimentos negros de todo o país para amenizar e reparar questões históricas da população negra, criou-se a Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do país. De acordo com Carine (2023, p. 82), “onde a consciência não chega, a obrigatoriedade legal age”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixa claro o multiculturalismo das regiões geográficas do país e a dificuldade que engloba as ações em cada uma delas, com suas demandas individuais. Porém, as referências curriculares de Niterói não são nítidas quanto às formas de implementação de políticas pedagógicas que efetivem a aplicação da lei nos espaços escolares. A abordagem de implementação não cria *links* coletivos de atuação nos espaços educacionais do município, deixando uma ação coletiva individualizada, com espaços ligados por uma estrutura institucional, porém sem interligações no seu contexto pedagógico. Faz-se necessário a efetivação de uma maior integralidade de ações coletivas que utilizem o conhecimento como forma potente de equidade, contemplando de forma multiplicadora o conhecimento no espaço escolar.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) tem como objetivo individualizar cada contexto educacional, com sua especificidade local. Sendo assim, percebe-se a necessidade do domínio conceitual de vários outros processos que demandam discussões que possibilitem uma formação do professor não só como mediador de conflitos de cunho racial, mas também como profissional antirracista, letrado, com o objetivo de reatar laços afetivos, cortados por uma ancestralidade apagada, e que tenha o compromisso com o corpo segregado, possibilitando que esse se veja nos espaços negados.

Figura 2 – Onde não me vejo, não me (re)conheço



Fonte: Acervo pessoal.

Pensando na foto da Figura 2, tirada por mim em uma concessionária na qual fui comprar um carro, percebo que não me vejo representada nesse lugar, nesse espaço que não potencializa o corpo negro, que faz parte do sistema econômico do país e que tem poder de consumo; só representa em totalidade a branquitude, como se só essa fizesse parte e tivesse poder de compra. Essa foto expressa diretamente as delimitações do sistema racista, com a falta de representatividade negra.

O espaço escolar, com protagonismo do professor, tem a função primordial de fazer e contar histórias que enfatizem o reconhecimento da população negra, para que esta se reconheça em espaços de poder, não só em funções subalternizadas, e sim como agente potente de espaços que também são seus. O racismo estrutural potencializa a centralização do poder e a manutenção dos privilégios dos grupos historicamente favorecidos.

2.3 O poder tecnológico na formação de professores como potência efetiva na construção do letramento racial

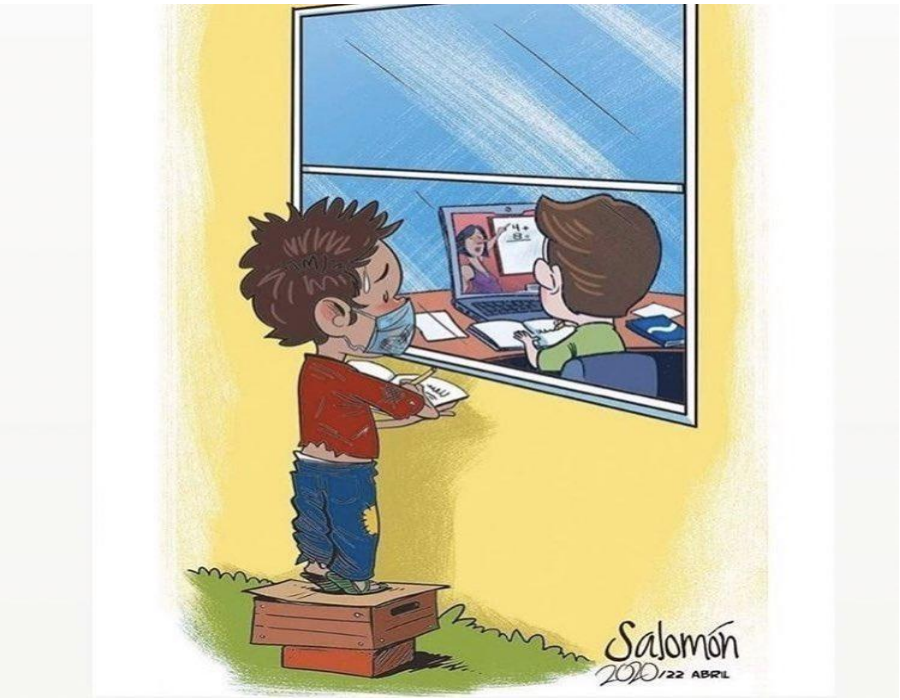
Após a pandemia de 2020, tivemos a possibilidade de descoberta de outros ‘poderes’ no ato de ensinar. Diante de tantos desafios, surgiram novas possibilidades de aprendizagem, com o crescente aumento da utilização de tecnologias como recurso facilitador do processo educativo. Esse período, embora sombrio, impulsionou práticas pedagógicas que ultrapassaram os limites tradicionais do espaço de sala de aula e abriram espaço para abordagens mais criativas e dinâmicas. Atualmente, se faz imprescindível a utilização desse aprendizado para a construção e/ou abordagem de conhecimentos que estão presentes no nosso dia a dia e que devem ser olhados

com novas perspectivas. Por exemplo, a aprendizagem de culturas de matrizes africanas, a partir de uma pedagogia antirracista, com uma proposta que dialogue de forma afetiva com a ancestralidade de um povo com potencialidades tão distintas e múltiplos saberes.

As tecnologias da comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos e aplicativos. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por conhecer, pesquisar, buscar informações mais relevantes; num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos; depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados e adapta-os à realidade dos alunos; enfim, transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento com ética (Levy, 1993, p. 25).

Provocar e poder contemplar potencialidades dentro e fora do ambiente escolar, com um caráter promotor de descobertas que sensibilizem para um aprendizado multicultural, é de fato um desafio, porém a educação deve ser desafiadora para se fazer plena. O uso de tecnologias deve ocorrer de forma igualitária e que contemple uma classe que ainda não foi incluída socialmente no uso dessas ferramentas como forma de conhecimento. Infelizmente, se faz necessário ressaltar que a exclusão social se manifesta de várias maneiras, como a exclusão digital – ilustrada na Figura 3.

Figura 3 – O racismo estrutural como forma de exclusão digital



Fonte: Google.

Segundo Carine (2023, p. 59), “crianças que estão sendo formadas precisam se nutrir do que elas efetivamente são e não do que não são, mas que disseram acerca delas como mecanismo de controle social”. Para a autora, é preciso estabelecer diálogos que empoderem crianças negras no cotidiano, com falas que positivem a construção de identidades, de forma a terem perspectivas que sejam combustível para construírem espaços que lhes foram negados. Para tanto, se fazem necessários afeto como acolhimento e ancestralidade como potência identitária, na construção de uma perspectiva política de pertencimento como alicerce, somando-se a isso uma formação tecnológica como poio para professores antirracistas, fomentando e aguçando a identificação afetiva nesse processo.

2.4 O letramento racial com afetividade e de forma efetiva

Estando hoje em sala de aula, percebo muitas vezes a reprodução do sistema europeu imposto há anos em nossa sociedade. São histórias contadas apenas do ponto de vista de quem as escreve, e não de quem as vivenciou efetivamente, esvaziadas de toda a ancestralidade, o que provocou e provoca reflexos até hoje,

sendo visivelmente reproduzido nas comunidades, com a desvalorização de corpos negros.

No dia a dia em sala de aula, é comum presenciar a baixa autoestima dos alunos quando passam pelos portões da escola, desde a educação infantil. Percebe-se que muitas vezes o controle social abate essas crianças diariamente, e perpetuamos esse controle com a falta de afeto nos nossos discursos diários e com a reprodução dessas histórias mal contadas dos povos escravizados vindos da África.

Efetivamente, é necessário que a compreensão de pertencimento racial seja feita com afeto, para que as dores de uma realidade ancestral se tornem luta consciente dentro e fora de prisões que muitas vezes não têm muros. É importante criar relações que positivem histórias da luta de um povo que se reinventou para sobreviver no meio de dores, sangue e morte, tendo em seus corpos marcas da construção braçal de nossa história.

É imprescindível possibilitar uma educação inclusiva e respeitosa com a diversidade e sua complexidade e fomentar discussões que impulsionem a liberdade no aprendizado, tornando-o libertador a partir da educação infantil. Para que tal proposta se torne afetiva e efetiva, faz-se necessária uma abordagem que aflore o lado emocional das pessoas (afetividade) e que promova mudanças reais na forma como elas se relacionam com questões sociais e raciais em seu cotidiano (efetividade).

De acordo com Trindade (2008, p. 9):

> O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos, os afetos, os desejos?

Para tanto, é preciso que o espaço escolar, como um todo, promova diálogos nos quais experiências sejam trocadas e que tenham uma escuta sensível de pessoas negras e de outras minorias raciais, para que elas sejam valorizadas, estabelecendo uma conexão emocional que permita uma maior compreensão da vivência de quem tem lugar de fala sobre as dores que causam o preconceito racial.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho foi realizado em uma UMEI que conheço bem antes de trabalhar no município de Niterói e na qual atuo como professora há 12 anos: a UMEI Renata Gonçalves Magaldi, localizada no bairro do Fonseca, em Niterói, mais precisamente próxima ao Morro do Castro. O nome da escola faz referência à filha branca de um vereador do município, falecida em um acidente automotivo próximo ao local, sendo ele o idealizador da construção da escola nessa comunidade, há quase três décadas.

A unidade atende 96 crianças de 1 a 5 anos e 11 meses em regime integral, tendo 5 salas de aula, 1 sala de multimídia, 1 sala de recursos (educação especial), 1 sala da direção, 1 secretaria e 1 pátio na frente e atrás da escola, com 27 funcionários, entre professores, profissionais de cozinha e limpeza.

O desenvolvimento deste trabalho começou com a coleta de dados dos profissionais desse espaço escolar, pois acredita-se que todos são protagonistas em um espaço de aprendizado. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com perguntas de aspecto prioritariamente racial, sendo utilizado como tecnologia o *Google Forms*. O questionário elaborado teve como ponto de partida a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sobre a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira.

Foi necessário investigar como se dá, perante todos os funcionários da escola – que tem como seu público majoritário (mais de 90%) crianças pretas e pardas –, o letramento racial dos educadores e educadoras no processo de aprendizagem e como este se dá em todo o ambiente escolar.

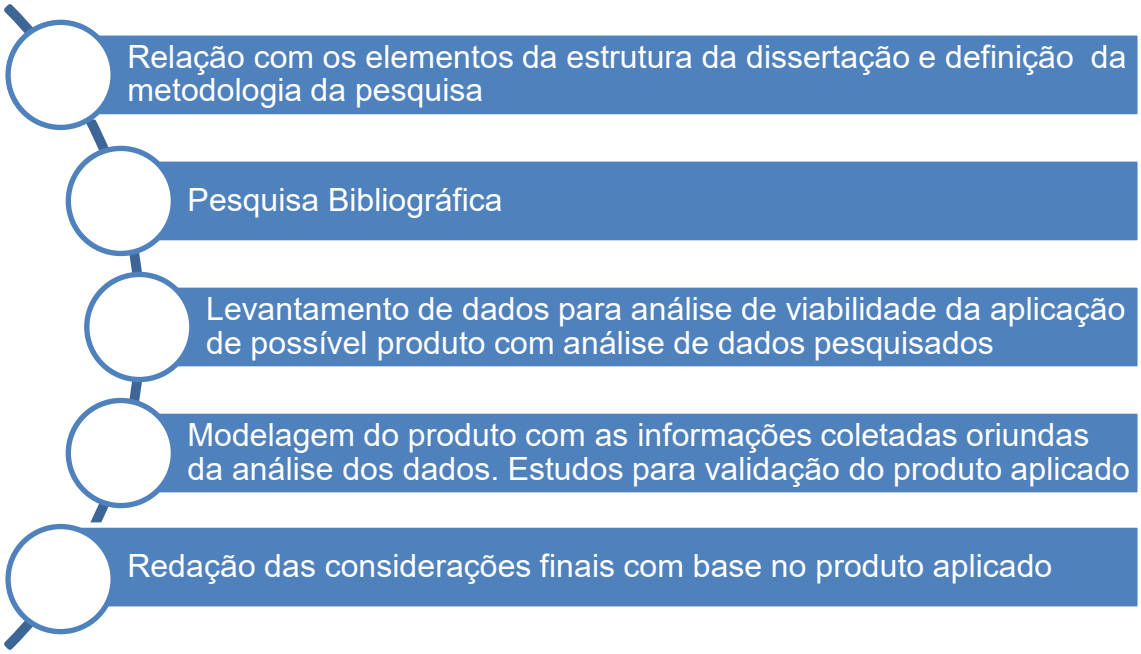
Através de leituras que tratam de temas como letramento racial, racismo estrutural, decolonialidade, colorismo, etc., foi estabelecido um diálogo com alguns autores, verificando lacunas que podem reforçar o racismo dentro da escola periférica e quais os pilares que estão possibilitando a fragmentação da estrutura que reforça o racismo e a perpetuação da branquitude na apropriação dos espaços.

Esta pesquisa se utiliza de gráficos, que possibilitam uma melhor visualização e comparação tanto quantitativa como qualitativa, para apresentar a perspectiva de uma professora negra que trabalha em uma escola que foi um espaço da luta de um líder comunitário negro e que ainda percebe a grande dificuldade e o desconforto, por parte de professores, gestores e de toda a comunidade escolar, quando o assunto é raça, devido à falta de letramento racial.

Pretendeu-se verificar se é possível, através das novas tecnologias, impulsionar um movimento que potencialize o conhecimento de lutas históricas e que contribua para o reconhecimento de um povo que vem sendo desmerecido por toda contribuição que fez e faz a este país. A educação tem voz por meio de seus educadores, e estes têm o dever moral e ético de compreender a luta racial de forma real, para que as vozes de quem está dentro do ambiente escolar ecoem para além desse espaço.

A seguir, as etapas do trabalho sintetizadas e ilustradas na Figura 4:

Figura 4 – Resumo dos caminhos percorridos na construção do trabalho



Fonte: Autoral (2025).

O roteiro desta pesquisa foi dividido em 5 partes: (1) fundamentação teórica pela pesquisa bibliográfica; (2) observação e análise da preliminar de campo; (3) procedimentos metodológicos acerca da preliminar; (4) construção do produto, reflexão e análise de dados; e (5) demonstração dos resultados.

3.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica

Esta dissertação teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica. Foi feito um levantamento de livros, artigos, teses e outros materiais de relevância já publicados sobre os temas do letramento racial e racismo. Foi dada preferência a

fontes mais atuais, porém também foram consultadas obras antigas, pois o diálogo racial e as demandas sociais são atemporais e dependem fundamentalmente de um entrelaçamento de perspectivas e ideias que ultrapassem o tempo.

Por se basear na formação educacional de qualquer indivíduo, a pesquisa bibliográfica deve se rotinizar tanto na vida profissional de professores e de pesquisadores quanto na de estudantes. Essa rotinização se faz necessária, pois os indivíduos possuem interesse em conhecer as mais variadas, plurais e distintas contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema. É a pesquisa bibliográfica que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na construção do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa de escolha do tema e na elaboração do relatório final (Fontana, 2018).

Figura 5 – Esquema de etapas da pesquisa bibliográfica



Fonte: Autoral (2025).

Foram feitas leituras de documentos oficiais que regem a educação brasileira e que têm como princípio medidas que norteiam as relações étnico-raciais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei nº 10.639/2003, sobre a obrigatoriedade de inclusão da temática afro-brasileira nos currículos do ensino fundamental, e a Lei nº 11.645/2008, que altera a Lei nº 9.394/1996, tornando obrigatório o estudo de história indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

A construção literária deste trabalho foi pontuada por afeto e, por isso, a literatura utilizada foi selecionada por identificação em sua construção. Foram consultados autores que são referências no debate sobre letramento racial e questões relacionadas, destacando-se entre eles: Abdias Nascimento (1978), ator, poeta,

escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras; Djamila Ribeiro (2019), filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira; Bárbara Carine (2023), escritora, palestrante, professora e filósofa, com mestrado e doutorado em química; Azoilda Loretto da Trindade (2013), intelectual, educadora e militante do movimento negro.

3.2 Preliminar de pesquisa exploratória com coleta de dados

A princípio, esta pesquisa exploratória se baseou em obter dados para aprimoramento de um conhecimento preliminar que ajude a identificar questões e variáveis para um aprofundamento que sirva como base para discutir a questão racial de forma mais ampla e eficaz, sendo feita com auxílio de um questionário com uma estrutura flexível, para permitir que os pesquisados ficassem à vontade e confortáveis.

A pesquisa exploratória foi fundamental para pensar os rumos iniciais que levaram para uma continuação e percepção das demais investigações. Com os dados abordados, foi possível traçar meios mais eficazes para debater temas raciais de formar mais significativa, tendo como premissa facilitar a construção de pensamentos coletivos que possam desmistificar e contribuir para relações raciais igualitárias.

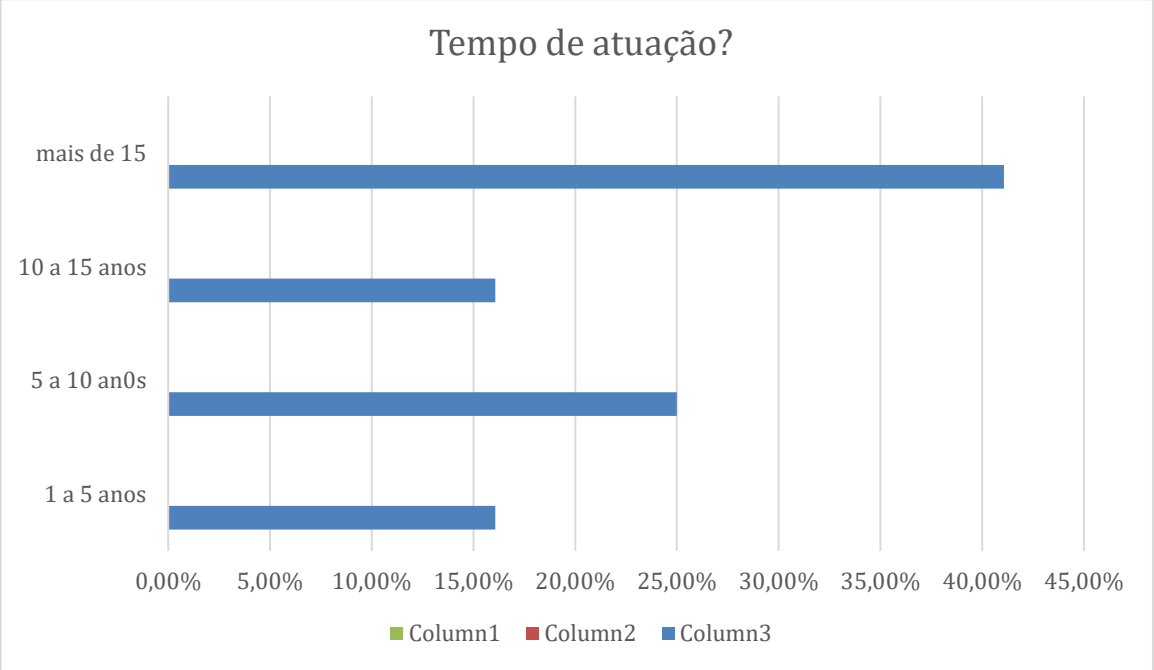
Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes. Esse tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação. Recomenda-se a pesquisa exploratória quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado.

Pensar na construção de diálogos que tenham como prioridade uma escuta atenta às necessidades de um grupo, para que, de forma efetiva, potencializem-se relações nas quais as trocas e aprendizados raciais sejam feitos repletos de afeto. Possibilitar uma aproximação reflexiva sobre o outro, com suas complexidades, e se despir de seus significados, para possibilitar se ramificar em raízes profundas que geraram e geram desigualdades tão dolorosas em corpos que ainda são tão invisíveis em espaços que os excluem como não pertencentes.

Foi respeitado o anonimato dos pesquisados, propiciando liberdade nas respostas e possibilitando que nenhuma interferência do pesquisador fosse feita.

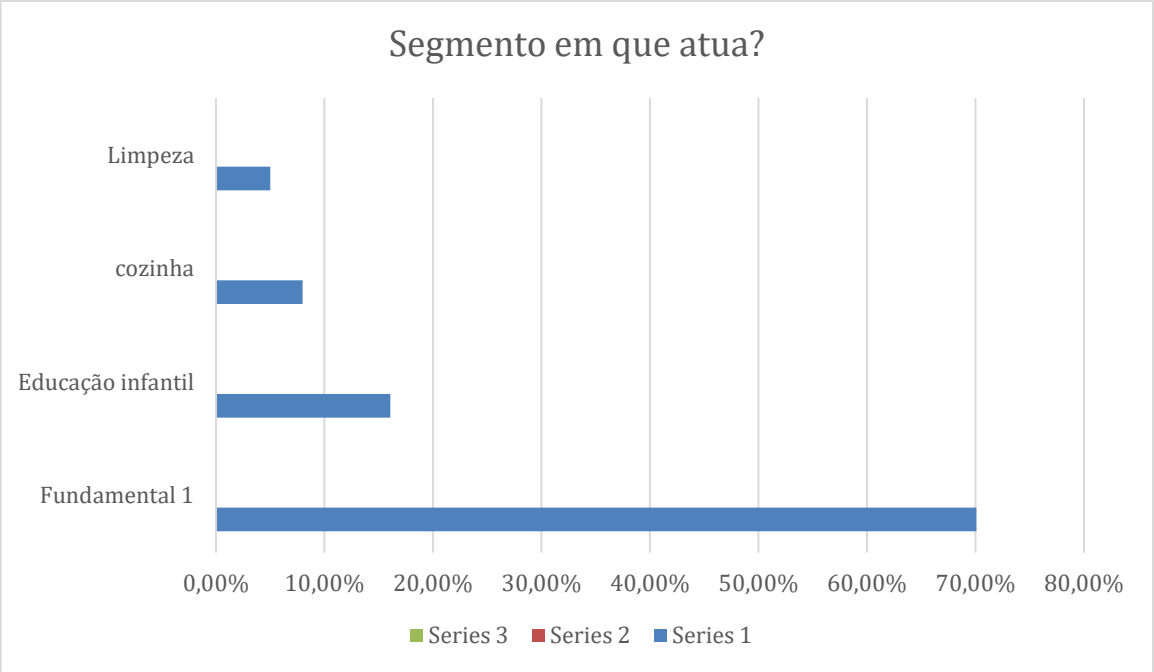
Assim, na primeira etapa foi elaborado um questionário no *Google Forms*, no ano de 2024, para entender melhor as opiniões de todos os profissionais da escola. Com a análise dos dados coletados, foram reveladas algumas questões interessantes que refletem tanto aspectos que necessitam de ações individuais quanto estruturas sociais que são sistêmicas. O questionário foi enviado e devolvido via internet pelos funcionários da escola, sendo preservadas as identidades dos que responderam às perguntas. Assim, foi possível delinear e detectar alguns aspectos que deram diretrizes à pesquisa, pontuando e traçando estratégias para seu desenvolvimento. A seguir, os Gráficos 1 a 9 apresentam as perguntas (enviadas a 27 participantes) e respostas (dadas por 23 participantes).

Gráfico 1 – A análise e delimitação por tempo de atuação de profissionais no município de Niterói em suas áreas, fator importante para traçar possíveis mudanças nesses períodos no perfil profissional



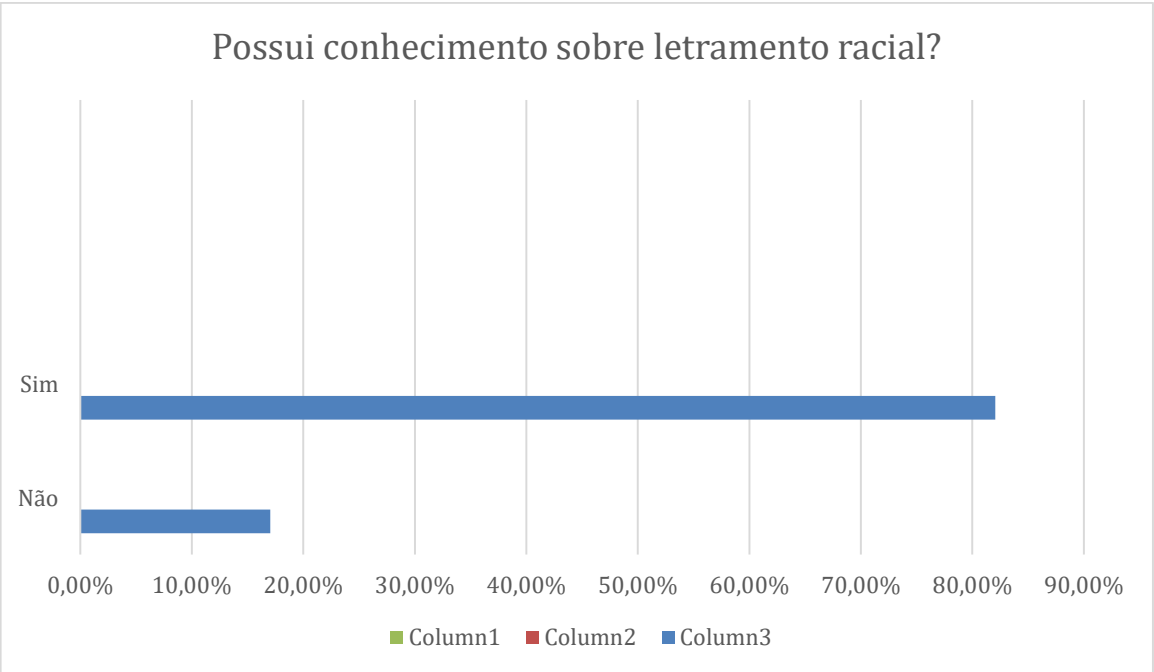
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 2 – Identificação de cada segmento de atuação profissional que compõe o espaço escolar, possibilitando análise das funções e suas contribuições



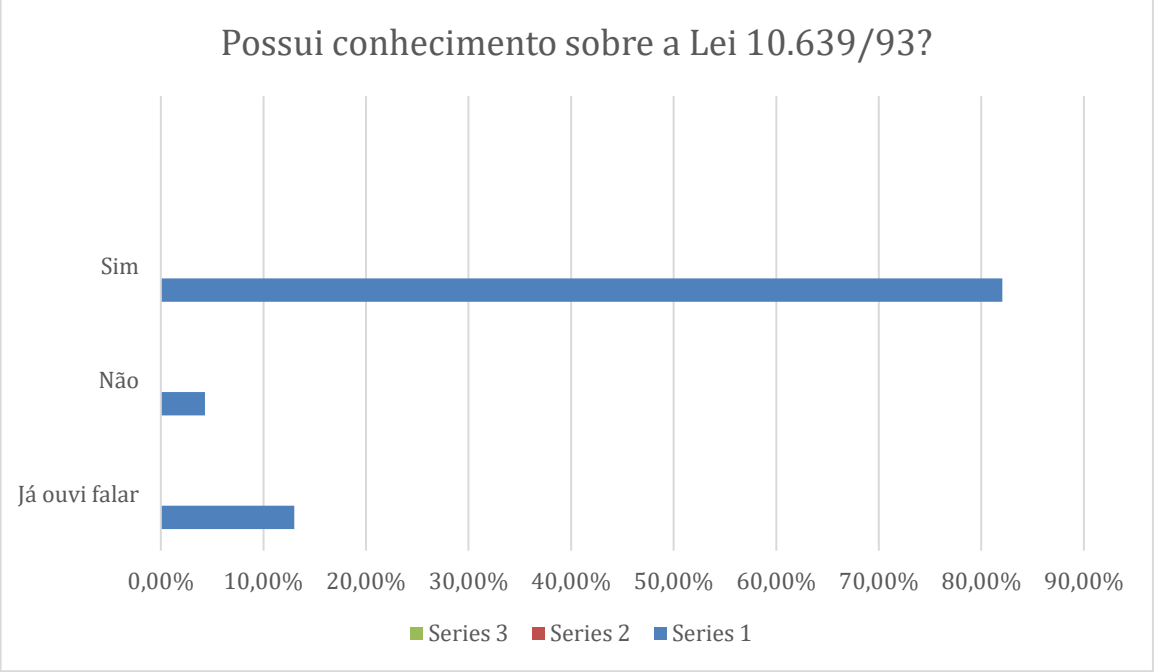
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 3 – Análise para melhor compreender como o aprendizado sobre letramento racial está sendo construído no espaço escolar com todos os profissionais, para evidenciar desconhecimento, além de destacar boas práticas existentes



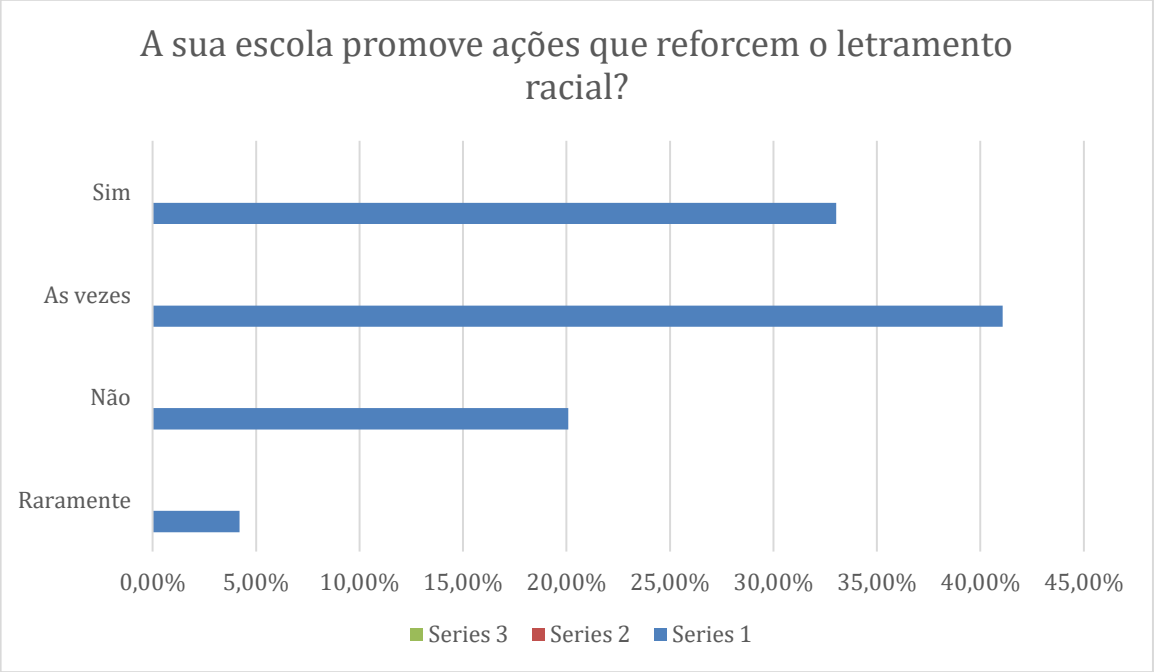
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 4 – Avaliar o conhecimento de leis que possibilitam e efetivam a aplição de práticas antirracistas no ambiente escolar e o nível de compreensão dos profissionais de educação sobre conceitos estabelecidos nesse instrumento de resistência



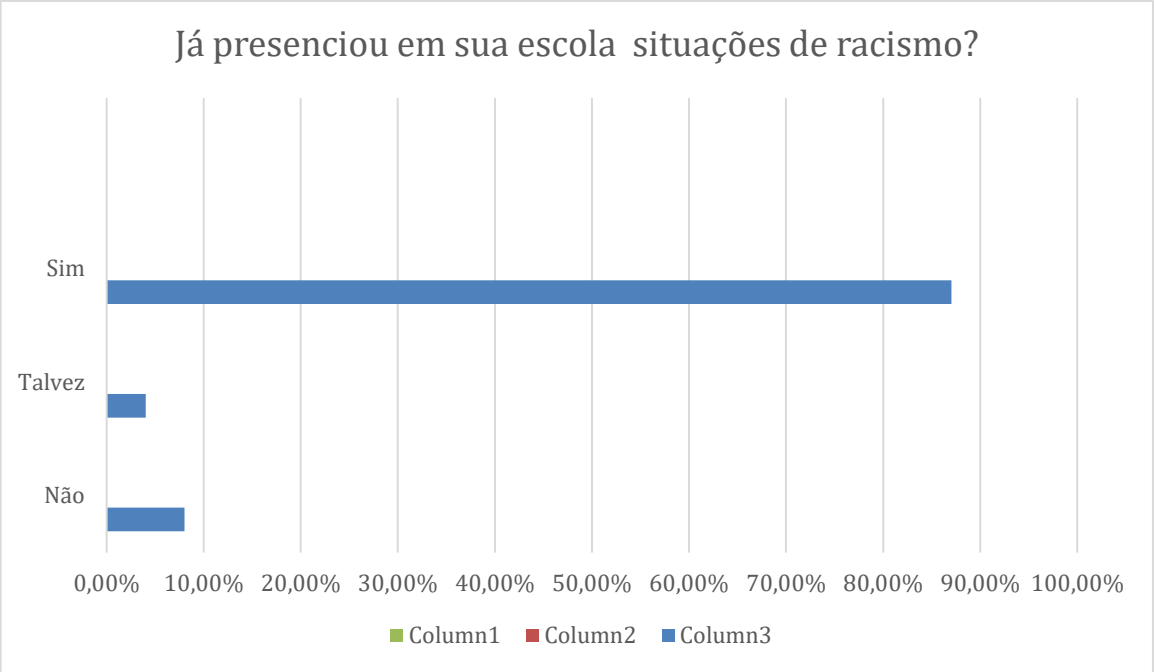
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 5 – Avaliar o ambiente escolar como um condutor para promoção de práticas antirracistas e se estas estão sendo implementadas nas atividades e relações diárias no processo de formação e instrução de seus profissionais



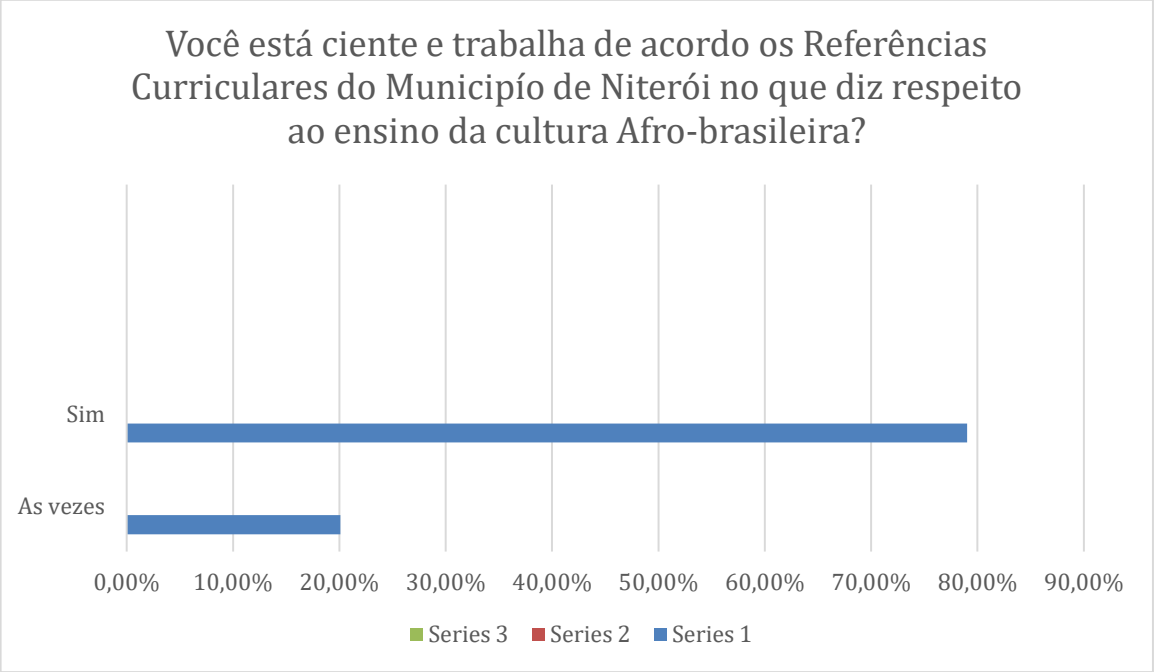
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 6 – Analisar o espaço escolar como estrutura social e verificar a reprodução dessa estrutura pelos indivíduos em formação no ambiente escolar, visando o aprimoramento de práticas antirracistas



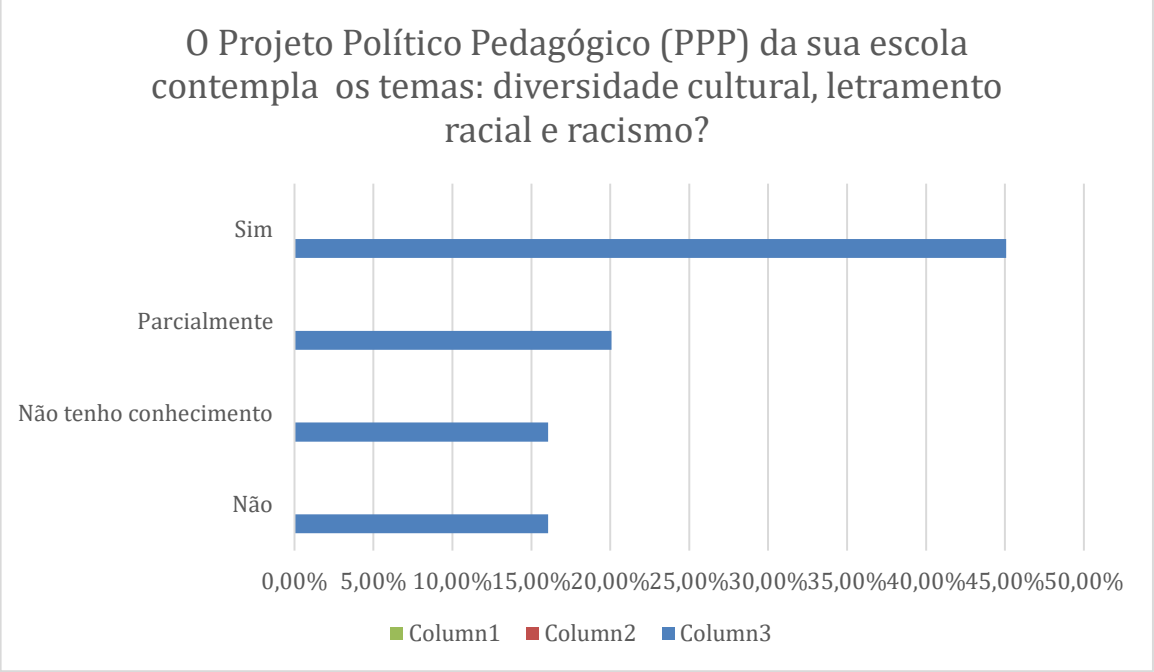
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 7 – Identificar as políticas públicas do município de Niterói sobre ações antirracistas e se estas são implementadas no ambiente escolar pelos profissionais desses espaços



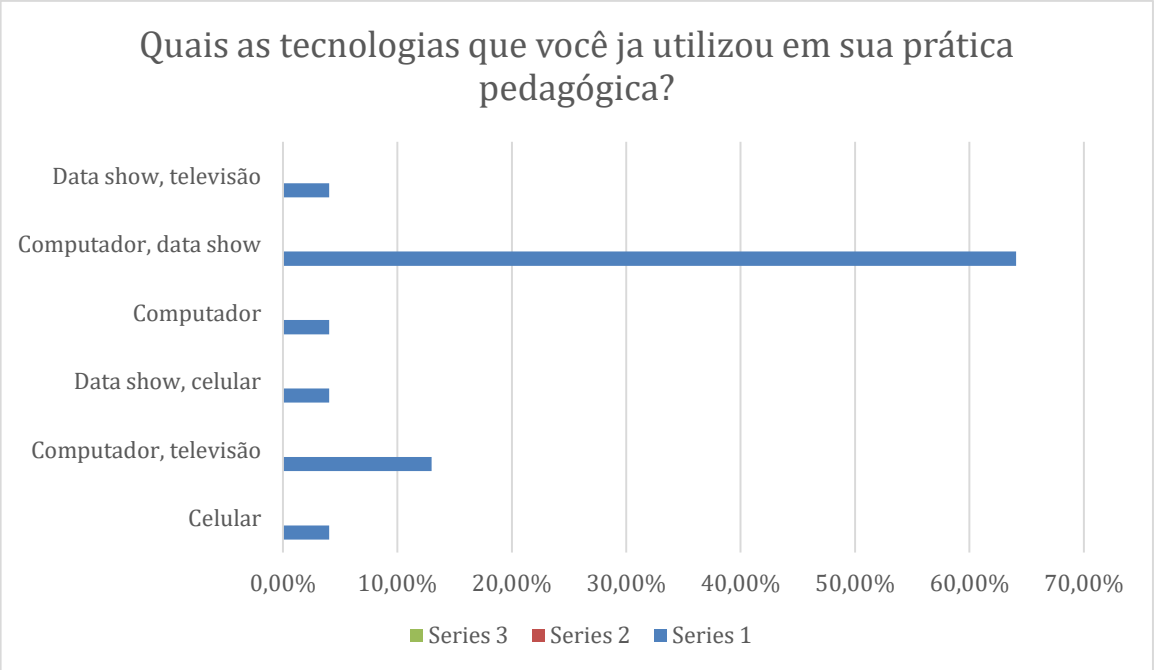
Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 8 – Avaliar a implementação, no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar, de temas antirracistas que possibilitem uma construção coletiva de ações que contemplem o letramento racial



Fonte: Autoral (2025).

Gráfico 9 – Avaliar o uso de tecnologias no ambiente escolar na promoção do conhecimento diário para o aprendizado dos estudantes

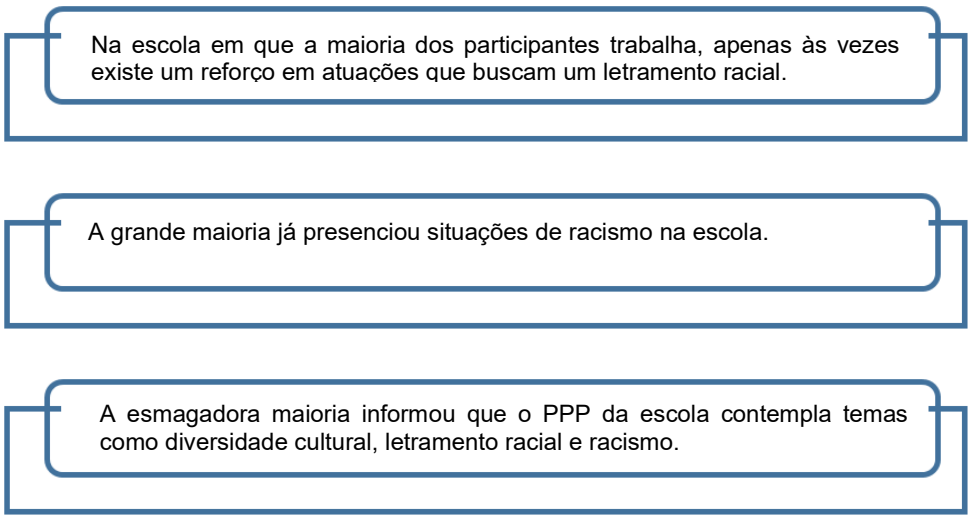


Fonte: Autoral (2025).

3.3 Preliminar de pesquisa: considerações e análise

A preliminar de pesquisa permitiu uma análise da situação em estudo, dando base para adequações ao projeto e observação de sua viabilidade. Para tanto, foi traçada uma logística cuidadosa para que fossem preservadas as falas, sem que com isso se gerasse um desconforto na análise das mesmas.

Figura 6 – Achados relevantes da preliminar de pesquisa



Fonte: Autoral (2025).

Ao analisar os gráficos, percebe-se, nas respostas obtidas, que se fazem necessárias discussões de grande relevância entre o que se fala e se faz. Surgem informações de fundamental importância no que diz respeito ao trabalho desenvolvido sobre letramento racial e racismo dentro do ambiente escolar. A presença de acontecimentos racistas não deveria condizer com escolas que de alguma forma promovam letramento racial e sigam corretamente o PPP em consonância com as referências curriculares do município de Niterói.

A lei é um mecanismo importante, principalmente na diminuição do desgaste energético por parte da militância. Você, professor antirracista, não deve abordar em sala de aula a cultura africana, afro-brasileira e indígena pela obrigatoriedade legal, mas sim pela consciência de reparação histórica (Carina, 2023, p. 82).

Esses pontos foram essenciais para identificar algumas informações que se destacaram:

- A necessidade de formação que contemple o corpo docente e a equipe escolar com a temática do letramento racial;
- Episódios de cunho racista são comumente vistos e presenciados por educadores e equipe escolar;
- Educadores e equipe escolar algumas vezes tiveram contato com algum tipo de formação com a temática sobre letramento racial.

Faz-se necessário um posicionamento diante de situações em que diversidades não sejam desrespeitadas, porém, ao professor e aos profissionais do ambiente escolar, essa necessidade fica mais latente, pois esses profissionais se encontram diretamente ligados a uma posição de formadores de futuros cidadãos, e, portanto, para eles cabe um posicionamento mais ativo.

Tal posicionamento não pode ser errôneo, e é necessário que uma série de competências sejam estimuladas no profissional de educação para que ele possa agir como agente transformador frente às desigualdades, para que também ecoem para fora dos ambientes escolares as competências que estimulem e potencializem o aceitar-se.

O ambiente escolar precisa passar pelo processo de formação para que, antes de tudo, tenha uma escuta afetiva para as dores que o racismo traz para cada um que dele é alvo. As formações são essenciais para a troca de experiências, para que o professor e os demais profissionais de educação possam ter no dia a dia escolar um olhar mais atento às relações, promovendo nesse espaço de formação o combate a atitudes discriminatórias e também educar para que elas não se repitam.

É necessário atentarmos para nossas falas e atitudes. Por muitas vezes, se faz necessário um pensamento mais amplo sobre o que fazemos e o que falamos, em perspectivas para além de nossos currículos, ou o que achamos de nossa construção enquanto educadores.

Precisamos atentar para todo o processo de construção para chegar a um educador antirracista que vá para além de currículos impostos, evitando cair em um favorecimento de grupos privilegiados em relações diárias que podem ser normalizadas pelo racismo estrutural. Promover educação com padrões antirracistas é desconstruir estereótipos negativos que foram atribuídos historicamente a grupos racializados.

Para tanto, é fundamental uma reflexão sobre como crenças e atitudes reforçadas em nossos ambientes escolares reproduzem preconceitos, mesmo que de forma inconsciente. Ser um profissional de educação antirracista é primeiro pensar em um enfrentamento individual de comportamentos discriminatórios e saber que mudanças reais requerem esforços.

Ser um educador antirracista é valorizar vozes, e não apenas ser empático a elas, é compreender as dinâmicas que fortalecem e fortaleceram a opressão, sendo necessário se responsabilizar com a mudança, pois o processo antirracista não é estático, e sim contínuo. Faz-se necessário desconstruir, com ações efetivas e afetivas, questões nas quais o preconceito é evidenciado, para a promoção de uma maior justiça social com memórias fortalecidas.

As referências curriculares do município de Niterói, que orientam as práticas pedagógicas nas escolas municipais, alinham-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e às diretrizes locais. Em seu capítulo relacionado ao ensino fundamental, preza pelo respeito às diferenças, diversidade e multiculturalismo, em uma perspectiva desenvolvida por teóricos como Banks (2004), Candau e Moreira (2008) e Ivenick e Santos (2009).

Percebe-se também que os referenciais, ao falar e implementar as leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, a estas juntou agendas de temas relacionados a gênero e sexualidade. Há de se ter cuidado ao relacionar questões raciais com um contexto multicultural amplo, visto que este pode ser um grande aliado, porém há de se perceber que há possibilidades conceituais com risco de desfocar desigualdades raciais específicas. Colocar outras formas de diversidade no mesmo patamar de construções históricas e estruturais que advém do racismo pode fazer com que as particularidades das experiências raciais sejam apagadas. Deve-se cuidar para que a amplitude de discussões generalizadas não deixe que lutas políticas de grupos historicamente construídos e políticas públicas de grupos marginalizados (negros e indígenas) percam seu direcionamento.

Nas escolas, por exemplo, há sempre professores e gestores brancos, brinquedos e livros didáticos, planos de aula e PPPs que dialogam exclusivamente com a branquitude. É na organização da instituição, ao longo da história, que se constrói a estrutura racista. É na escolha exclusiva de perspectivas teóricas e metodologias eurocêntricas que se manifesta a branquitude (Bento, 2022, p. 78).

No que diz respeito ao projeto político da escola à qual este projeto se vincula, ainda está em construção coletiva, porém as demandas diárias fazem com que essa construção tenha um andamento muito lento. Até o momento, questões relevantes sobre o racismo e seu enfrentamento no ambiente escolar têm sido pauta de grandes progressos na construção desse projeto, que se faz fundamental para a criação da identidade na unidade como espaço de formação, podendo desempenhar um papel crucial no letramento racial e numa educação antirracista e inclusiva. Segundo Trindade (2013, p. 58): “A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que nos constitui como sujeitos do cotidiano”.

3.4 A sequência didática (SD) e a sua elaboração

A pesquisa baseou-se em uma sequência didática (SD), possibilitando, com o uso das ferramentas tecnológicas, uma perspectiva de aproximar e dialogar com o espaço escolar, proporcionando um aprendizado afetivo e efetivo com apropriação de falas antirracistas e com potencialização de discursos que reflitam sobre ancestralidade.

É fundamental a aproximação das tecnologias com o espaço escolar e que nós, professores, possamos despir nossos pensamentos e nos prepararmos para as mudanças nas dinâmicas sociais e culturais, e que estas nos levem a reflexões diárias. Neste contexto, o movimento se faz latente e necessário, fazendo a tecnologia um aliado fundamental. Desse modo, podemos dizer que uma SD é um sistema complementar ao mundo real, adicionando componentes virtuais, como sons, imagens e vídeos a objetos reais, enriquecendo a experiência do usuário com aquele ambiente e/ou objeto real por meio de ferramentas tecnológicas, como *tablets* e *smartphones* (Kirner, 2011).

A SD foi organizada com base, a princípio, em propostas antirracistas que envolvem gêneros textuais que dialogam com questões de temáticas raciais, produzindo assim uma relação bilateral com esse processo de ensino-aprendizagem, que por muitas vezes é unilateral. Zabala (1998) conceitua a sequência didática como um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de objetivos educacionais que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos.

A utilização da SD visa possibilitar uma organização que faça sentido para afetar o professor, desmistificando comportamentos históricos que levam à perpetuação do sistema racista que envolve nossa sociedade, promovendo desigualdades excludentes dentro do espaço escolar, que muitas vezes reprime e deprime os que dele dependem.

A tecnologia tem o poder de dialogar com vozes opressoras e oprimidas, e o espaço escolar tem o poder de esclarecer quem é quem, pois o educar, antes de mais nada, é um ato político. Nesse sentido, fazer política dentro do espaço escolar deve ser fundamentalmente um ato de amor. Como destaca Zabala (1998, p. 21): “Para que educar? Para que ensinar?”. A partir dessas perguntas, caminha-se para a organização de um fazer pedagógico reflexivo, em que a educação seja vista como um ato político.

Figura 7 – A educação como ato político



Fonte: Autoral – Chat GPT (2025).

3.5 Trocas de experiências

Por muitas vezes, o trabalho do professor é muito solitário, as dores sofridas em nossos espaços escolares ficam muito penosas e encontramos o refrigério trocando com nossos pares, compartilhando questões profundas. Passa em muitos de nós a sensação de isolamento, não sendo apenas uma sensação subjetiva. Este trabalho utilizou como metodologia principal o relato de experiência com uma escuta atenta e afetiva, em um compartilhar de experiências e desafios a serem superados

com acolhimento e troca de saberes. Acreditamos que o trabalho coletivo possibilite transformar a realidade do ambiente escolar em um ambiente de mais equidade.

O relato de experiência foi feito a partir de interações coletivas e partilhadas no dia 23 de outubro de 2024, porém essa interação e as demais não foram feitas com todos os profissionais, por conta de agendas diferentes. As reuniões pedagógicas na parte da manhã são feitas individualmente, pois os profissionais desse horário são parciais, assim não sendo possível contemplá-los nas trocas coletivas; no entanto, com os demais foi possível observar sua grande dificuldade de tratar e falar sobre questões raciais.

Foi percebido o quanto esse tema ainda causa estranhamento e desconforto por partes de alguns profissionais desse espaço escolar. Percebeu-se que falar de letramento racial e racismo ainda é perceber que histórias mal contadas sobre esse tema são presentes no cotidiano deste espaço, dentre eles o mito da democracia racial e a meritocracia, presente em falas de alguns profissionais.

Nos encontros, participaram 8 professores, diretora e diretora adjunta, dentre estes 3 professores negros, 2 pardos e que se consideram negros e os demais brancos e se consideram assim.

Foi feita uma roda de conversa sobre a questões encontradas diariamente no espaço escolar advindas das relações raciais. Foram relatados e observados questionamentos sobre a negritude e a branquitude, e que os primeiros se mostram mais preconceituosos que os demais, fato este que chamou atenção por fazer parte das falas de todos os profissionais envolvidos na roda de conversa e com o total apoio dos profissionais negros.

Houve a contribuição com observações do espaço escolar e o quanto ele pode ser um espaço de discriminação, e que muitas vezes perpetuamos o racismo por não darmos a devida atenção a questões raciais que acontecem em nosso dia a dia, por ser tratar da educação infantil.

Foi feita a análise de falas que reproduzimos nos ambientes escolares como: “Ele é um pretinho lindo!”; “O cabelo dela é ruim, mas é lindo!”; “Se o cabelo dela fosse todo assim, seria lindo!”; “A coisa tá preta!”; “Não sou igual tuas negras!”; “Inveja branca”; e outras falas que observamos e discutimos em diferentes pontos de vista a relação negativa que elas têm para a promoção de uma educação antirracista. Foi possível verificar a surpresa de alguns profissionais sobre o contexto das relações raciais e a contribuição de nós como profissionais da educação em reproduzi-las.

Foram percebidas em nossas conversas a necessidade de criar estratégias pedagógicas no espaço escolar, para que falas e atitudes não possam invisibilizar estruturas raciais que rodeiam esses espaços, para que espaços de acolhimento não se tornem tão excludentes e perpetuem a desigualdade social e racial que um mito de conveniência fez por muitos anos nos silenciar, para que potencialidades sejam despidas e construídas e reconstruídas com uma educação com qualidade, visando discussões que evidenciem capacidades de construção de diálogos reais, proporcionando a criação de identidades, para que com isso possam desenvolver pessoas com habilidades políticas fundamentais que fomentem possibilidades no enfrentamento contra o racismo.

Foi percebido, no contexto da prática antirracista, o quanto o espaço escolar ainda apresenta muitas demandas para tornar possível a aplicação de atividades com recursos pedagógicos que envolvam essa temática e que sejam capazes de alcançar todos os profissionais de educação desse espaço, já que a questão racial é problema de todos, negros e não negros.

Foi discutido o processo de letramento racial e que este se fez possível a partir de ações de políticas públicas efetivadas através de lutas políticas do movimento negro brasileiro. O currículo como um instrumento potencializador da cultura africana e indígena é amparado pela Lei nº 10.639, que modifica a Lei nº 9.394/96 e Lei nº 11.645/2008.

Foi possível perceber que, durante tempos, o Brasil foi apresentado como um país de todos e para todos, onde todas as raças convivem harmoniosamente, um país de ‘democracia racial’, que ganhou força com a obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala* (1933) – para o autor, a mistura de raças, negros, indígenas e brancos, geraria uma sociedade mais tolerante. Essa ideia deslegitimou lutas e movimentos do povo negro e maquiou por anos a relação de desigualdade relacionada ao povo negro e que é reproduzida em todos os nossos ambientes, inclusive o educacional. Falas como “somos todos iguais”, “não vejo cor, vejo pessoas”, “o Brasil é todo misturado”, “minha avó era negra”, “minha família é toda misturada” etc. são comuns para mascarar o racismo.

Na falácia de que o Brasil era o “país da democracia racial”, estava a ideia de que as oportunidades eram iguais para todos, e, dessa forma, aqueles que não conseguiram êxito eram incompetentes ou despreparados. Neste residiria o problema, e não na sociedade e em suas instituições (Bento, 2022, p. 97).

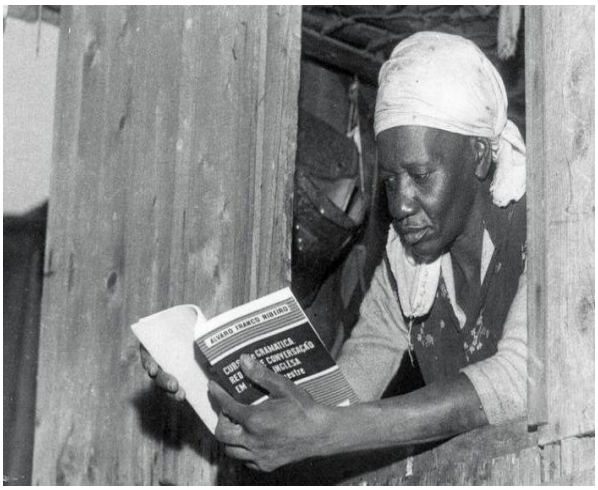
Foi possível perceber que ao negar a existência do problema, se nega a necessidade de possibilidades de ações para sua solução. Reconhecer o racismo e nele vozes é enfrentar desigualdades. Falas que parecem inofensivas nos espaços escolares desmitificam dores ancestrais de um povo que luta pelo reconhecimento histórico e equidade.

Segundo Abdias Nascimento (1959, p. 102), em trecho de matéria do Jornal do Rio de Janeiro:

> De um modo geral, os negros não conseguem promoções fáceis, não só nas atividades civis, mas dentro das forças armadas. Assegura-se que a razão disso está no seu nível de educação inferior. Mas um garçom negro é coisa rara num hotel ou restaurante de qualidade, e as grandes lojas nunca os têm a seu serviço como balconista.

3.6 Literatura: leitura compartilhada

Figura 8 – Leitura como ato revolucionário

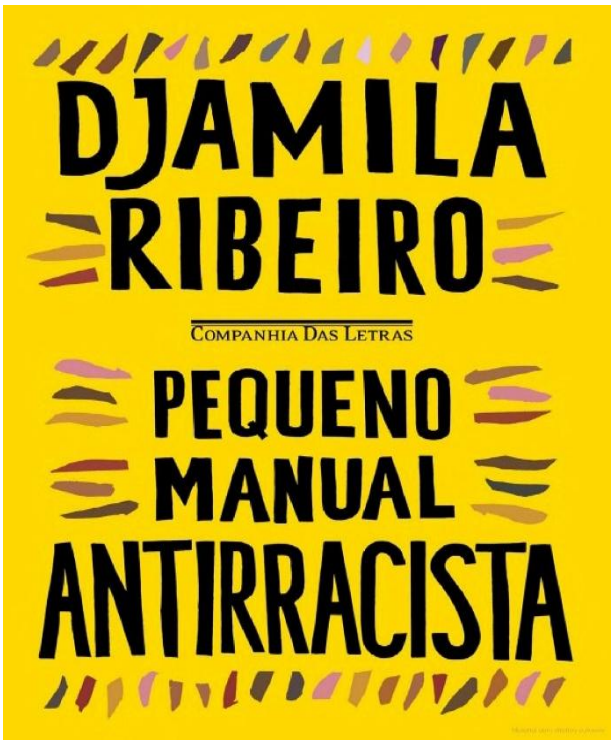


Fonte: Google.

Após a conversa com os profissionais da educação, foram traçados objetivos literários que pudessem ser utilizados no próximo encontro, que se deu no dia 6 de novembro, que, por coincidência, foi a reunião para tratar dos passos para comemoração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2024, que na escola em que atuo tem o nome de “Festa da Cultura”, fato este que faz referência a todas as culturas, não potencializando as lutas históricas dos movimentos negros, para que esse dia fosse colocado em nossos calendários. Porém, o espaço escolar deve ser feito com atos democráticos, e a escolha do nome da festa, respeitada.

Nessa reunião, foi apresentado o livro de Djamila Ribeiro, *Pequeno manual antirracista*.

Figura 9 – Formação e diálogos



Fonte: Google.

O livro foi em um primeiro momento apresentado de forma manual para todos os profissionais que faziam parte da reunião, porém para os profissionais da cozinha e os profissionais de limpeza foi feito individualmente, pois esses não participaram dessas reuniões por afazeres no horário.

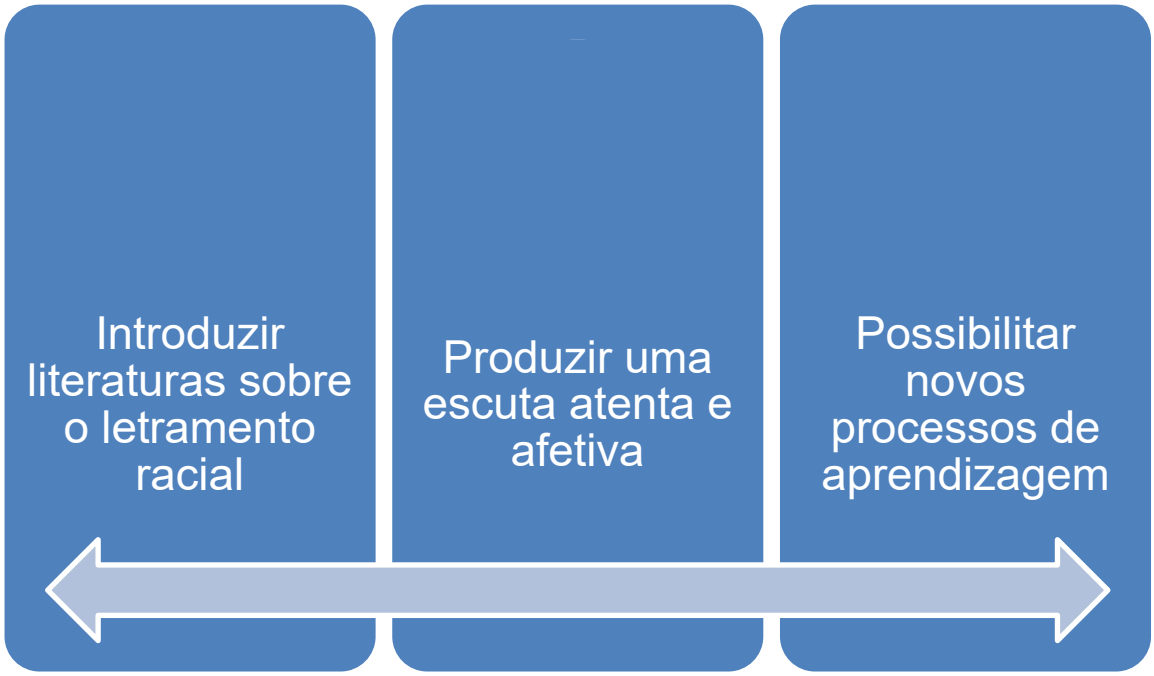
Após terem sido passadas as demandas da rotina escolar e pelo horário já ser avançado, foram retirados alguns trechos de páginas do livro, que foram utilizados como tópicos para um início de discussões e propostas pedagógicas de criação coletiva:

- Informe-se sobre o racismo;
- Enxergue a negritude;
- Reconheça os privilégios da branquitude.

Esses três pontos foram abordados e escolhidos para que tivéssemos uma percepção de diálogos que nos conduzissem para outros processos de descobertas de construção de como se dá o racismo em suas estruturas e que nos levassem para propostas que nos colocassem em posições de dentro para fora, já que é assim muitas vezes manifestado o controle social e pedagógico dentro do ambiente de sala de aula.

A partir das reflexões abordadas nos tópicos citados, foi percebida a necessidade de criar estratégias pedagógicas dentro do ambiente de sala de aula que produzissem possibilidades de trocas com todo o espaço escolar, desenvolvendo uma consciência crítica com uma escuta atenta para que os processos de aprendizagem sejam coletivos e contínuos. Para tanto, foi observada a falta de discussão de obras literárias que potencializem a cultura afro-brasileira, africana e indígena, e a latente necessidade de formações continuadas para este espaço escolar tendo como foco a construção de profissionais antirracistas.

Figura 10 – Objetivos com essa sequência

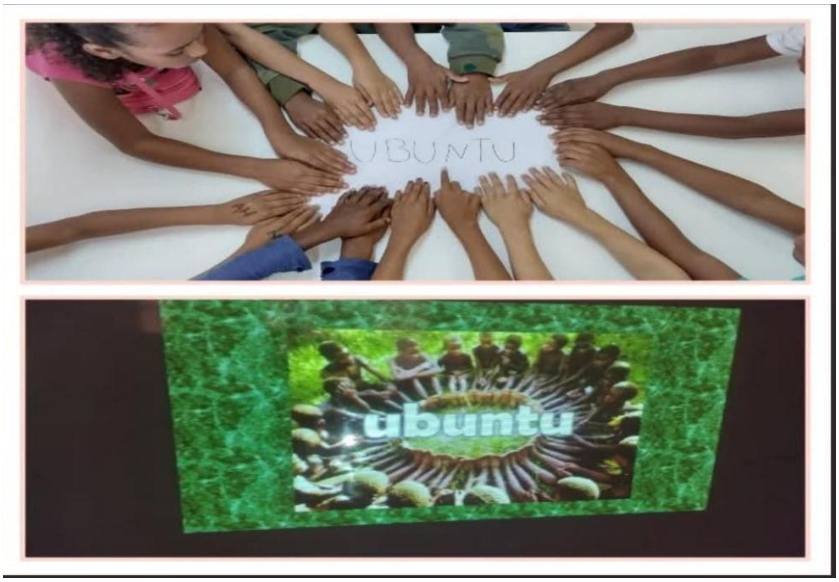


Fonte: Autoral (2025).

Nesse primeiro processo, as percepções foram cruciais para reconhecer a necessidade da criação de estratégias pedagógicas para formação de professores que tenham como foco um currículo inclusivo, com a utilização de autores negros e que estes sejam rotina no espaço escolar, com abordagem para a diversidade racial

e cultural, com promoção efetiva e constante de rodas de conversas para ampliar uma consciência crítica para uma educação comprometida com a equidade.

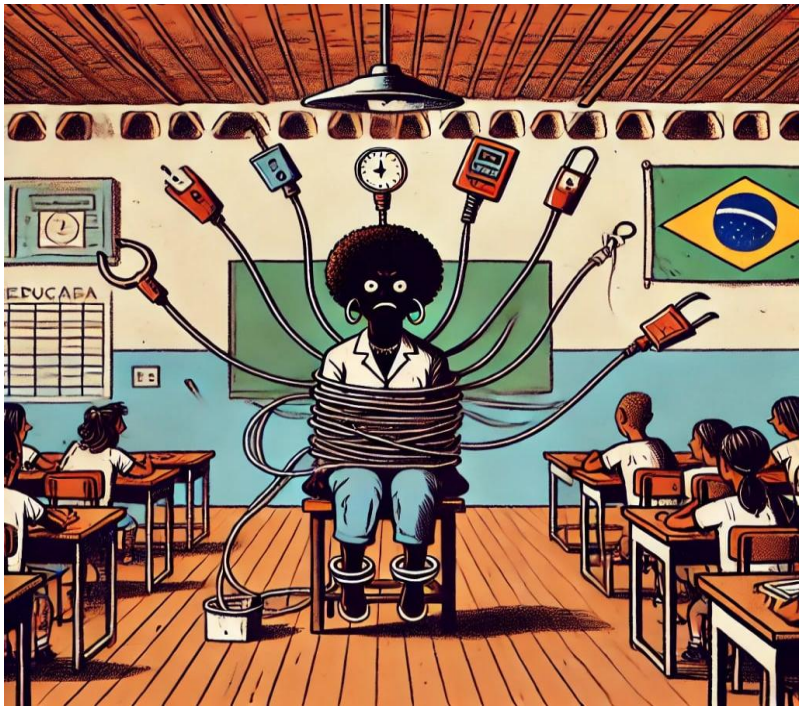
Figura 11 – Ubuntu



Fonte: Autoral (2025).

3.7 Tecnologia: estratégias pedagógicas no combate ao racismo com roda de conversa

Figura 12 – Processos e descobertas solitárias



Fonte: Autoral – Chat GPT (2025).

Por muitas vezes, se percebe a falta de habilidade dos profissionais de educação com as tecnologias e como estas podem nos auxiliar dentro dos espaços escolares na promoção do combate de relações racistas nestes ambientes. Na reunião do dia 12 de março de 2025, após todos os procedimentos institucionais, foi feita a apresentação de trechos do livro de Bárbara Carine (2023), *Como ser um educador antirracista*, no *datashow* da escola em uma roda de conversa.

Figura 13 – Educação antirracista



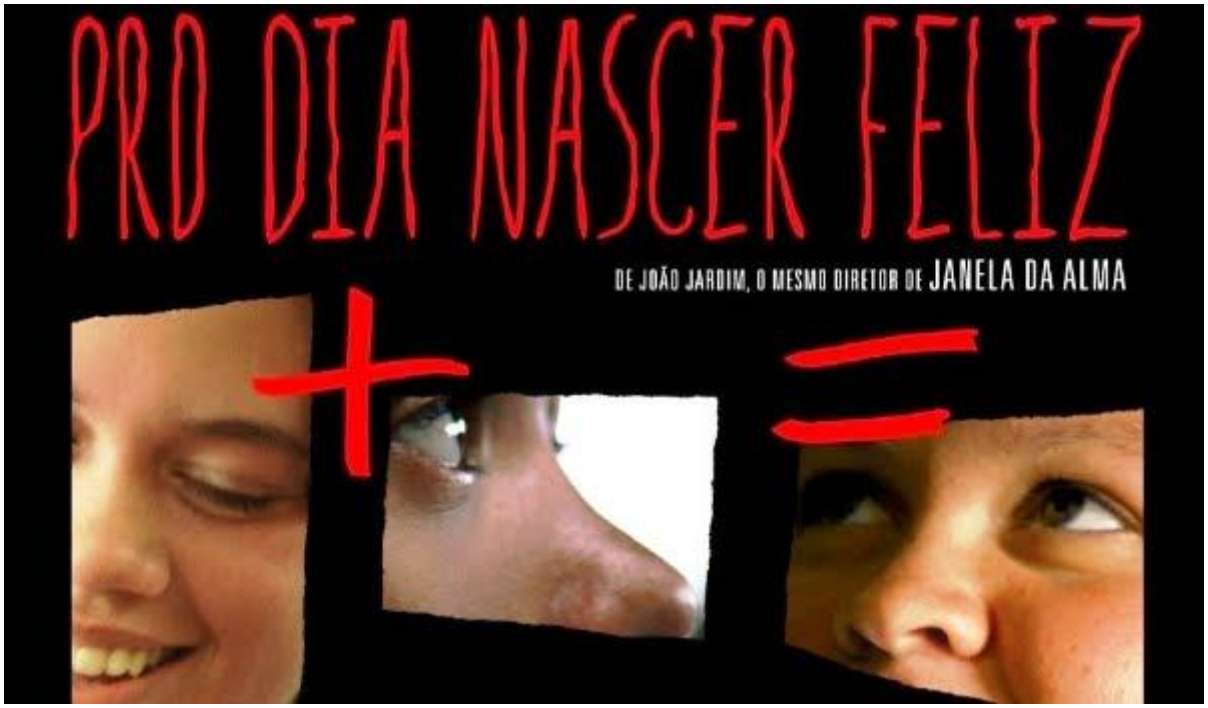
Fonte: Google.

- Mais que não ser racista, é preciso ser antirracista;
- O antirracismo, uma luta de todos;
- O lugar de fala de cada um;
- A escravidão no passado e no presente;
- O privilégio branco.

Após a apresentação desses tópicos, foram construídas algumas reflexões sobre a urgência de ações antirracistas e a necessidade de que essas ações venham de todos os profissionais do espaço escolar, e que os profissionais brancos reconheçam os seus privilégios para que possam desconstruir este sistema desigual.

Foi proposto, através dos tópicos sugeridos, um autodiagnóstico dos profissionais sobre letramento racial, de forma a analisar falas e identificar estereótipos que foram construídos fomentando grandes lacunas raciais e que fazem parte de nossas atividades em sala de aula. Foi sugerido, por não ter tempo hábil, que fosse passado o documentário *Pro dia nascer feliz* (2005). Essa proposta veio para contemplar temas que necessitam ser ressaltados no ambiente escolar, como: 'desigualdade racial e social' e 'juventude e escola pública', para que complementasse o diálogo entre os tópicos.

Figura 14 – Aprender e reaprender para educar



Fonte: Google.

O documentário foi escolhido, mesmo se tratando do ensino médio em alguns estados do país, e o trabalho focado exclusivamente na educação infantil, onde tudo começa, porém ele faz um maravilhoso diálogo com as diferenças raciais e sociais educacionais e evidencia os fatores que levaram e levam até os dias atuais às diferenças que provocam a falta de equidade social por todo o país, levando a reflexões sobre como e por que essas diferenças se perpetuam em todos os fazeres escolares.

Após essas colocações e reflexões, foi colocada a música do grupo Racionais MCs "Negro Drama", fazendo a ligação com todas as etapas deste processo dialógico.

“Negro Drama”

Canção de Racionais MCs (2002)

Nego drama
Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Nego drama
Cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura
Nego drama
Tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada
Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança
Nego drama
Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos

Não é conto nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não
Foi você quem fez, cuzão
Eu sou irmão do meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias
O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer
Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca
Hum, nego drama de estilo
Pra ser, se for tem que ser
Se temer é milho
Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar
Que sou homem e não um covarde
Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória
Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro
Pesadelo, hum, é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil

Nego drama
Crime, futebol, música, carai'
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha
Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração
Hei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo
Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
Um bastardo, mais um filho pardo sem pai
Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé
Cê disse que era bom e as favela ouviu
Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seus carro é bonito, é, e eu não sei fazer
Internet, videocassete, os carro loco
Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho
Só que tem que
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal
Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto
Esse não é mais seu, oh, subiu

Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia
Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?
Eu recebi seu ticket, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir
Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, oba
Aquele loco que não pode errar
Aquele que você odeia amar nesse instante
Pele parda e ouço funk
E de onde vem os diamante? Da lama
Valeu mãe, negro drama (drama, drama, drama)
Aí, na época dos barraco de pau lá na Pedreira
Onde cês tavam?
Que que cês deram por mim?
Que que cês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho?
Agora tá de olho no carro que eu dirijo?
Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay
E toda a família, e toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21, é desse jeito
Aí, você sai do gueto
Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho 'ni você, morô?
Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?

É desse jeito que você vive, é o negro drama
Eu num li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama
Eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí Dona Ana, sem palavra
A senhora é uma rainha, rainha
Mas aí, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é, renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé
Vagabundo nato!

A música foi trabalhada como o relato da periferia trancafiada em dores e violências cotidianas, sofridas especialmente pela população negra, como denúncia do racismo estrutural e desigualdades sociais. Reflexões foram geradas a partir da escuta ativa e afetiva da música, que também exalta a resistência e a força da população negra marginalizada. Coletivamente, foi observado o papel importante e fundamental do letramento racial e o fortalecimento da identidade nas expressões culturais periféricas.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Foram feitos efetivamente três encontros de troca e observação na UMEI Renata Gonçalves Magaldi, porém esta observação e troca vem acontecendo, mesmo que indiretamente, há alguns anos, com colegas de outras instituições educacionais que se posicionam para além dos muros da escola sobre a questão racial, e o que está dentro de nosso ambiente escolar tem demandado uma observação mais atenta.

Nos encontros descritos anteriormente, o tempo não foi um aliado, e nunca é, em momentos de troca nos encontros mais focados em temas relevantes dentro de nossos espaços escolares. As demandas vindas de fora (FME - Fundação Municipal de Educação) sempre são as que mais ocupam tempo. Burocracias, com seus preenchimentos longos de fichas, datas de entrega curtas de documentos, elaboração de sábados letivos etc. têm sempre feito com que os espaços de trocas não tenham seu tempo contemplado com qualidade efetiva e afetiva. Não estamos falando da falta de importância da burocracia, ela existe e tem que ser cumprida, estamos falando da falta de importância que se dá a momentos de trocas que têm também a sua devida importância.

Foi percebido que em alguns profissionais se criou uma resistência na abordagem dos temas, e que destes a grande maioria foram os profissionais brancos. A escuta para alguns mostrou-se desconfortável, gerando um mal-estar perante o grupo. Possibilitou observar a grande falta de conhecimento e habilidade de ter uma escuta ativa e afetiva no espaço escolar. Percebe-se o grande desafio da educação na construção de práticas educativas. Robin DiAngelo (2011) criou o conceito que fala sobre a dificuldade emocional e defensiva que pessoas brancas demonstram ao serem confrontadas com temas raciais.

Percebe-se que se cria uma barreira por parte dos profissionais brancos em dialogar sobre temas raciais, um ar de defesa sem ter luta, cria-se uma resistência para a construção de diálogos que precisa ser quebrada para que as construções sociais sejam combatidas e ultrapassadas.

Faz-se necessário criar estratégias pedagógicas para lidar de forma afetiva com questões que analisem criticamente materiais didáticos, com estudos de caso e círculos de leitura e escutas compartilhadas, identificando invisibilidades e leituras que reproduzem o racismo nestes materiais, promovendo discussões sobre o agir frente a

situações reais no cotidiano escolar, ampliando o repertório de autores negros que tratem de temas sobre o racismo e letramento racial.

4.1 Avaliação e reflexão sobre o aprendizado

Após os encontros de trocas e diálogos sobre o letramento racial, os profissionais participaram de uma avaliação coletiva. Neste momento, a proposta foi refletir sobre o aprendizado construído e a aplicabilidade deste conhecimento em sala de aula.

Durante esta avaliação, os profissionais envolvidos compartilharam suas percepções sobre a importância de um aprofundamento em discussões sobre relações étnico-raciais no espaço escolar e a necessidade de continuidade de formações e partilha de conhecimento, a fim de consolidar o trabalho sobre o letramento racial, além de propostas para o aprimoramento e novas abordagens para potencializar o letramento racial nos espaços escolares.

Foi percebida uma preocupação nas abordagens das relações raciais por parte dos profissionais brancos, um certo temor na aceitação por parte da comunidade escolar por achar que não há representatividade para o letramento racial. Esse incômodo gerado foi percebido pela reflexão na avaliação coletiva e com a necessidade de transformação das práticas pedagógicas, fazendo-se fundamental a escuta, acolhimento das dúvidas e inseguranças e, sobretudo, com o comprometimento dos profissionais com possibilidades pensadas coletivamente.

4.2 *E-book*: construção e seus desafios

Para a construção do *e-book* foram verificadas as demandas do ambiente escolar e de seus profissionais em relação às lacunas proporcionadas pela falta de reflexões diárias que contemplem ações pedagógicas para o combate ao racismo e todos os preconceitos e atitudes que advém dele. Foi pensado em uma ferramenta digital para auxiliar no papel do educador como agente transformador de identidade, possibilitando descobertas, facilitando encontros e reencontros. De acordo com Silva (*apud* Trindade, 2021, p. 62): “Quando a gente pensa em escola, certamente surge a imagem de um prédio, mas o que a define são as práticas e/ou os efeitos dessas práticas que lá ocorrem”.

Figura 15 – Capa do *e-book*



Fonte: Autoral – Chat GPT (2025).

Esse produto (*e-book*) se consolida como uma busca muitas vezes solitária de demandas dentro do espaço escolar que estão cada vez mais presentes. São necessidades que colocam o profissional de educação cada vez mais em bolhas de dias e dias de sofrimento e incessante procura.

Se a vida é mudança, transformação, metamorfose, como explicam “as verdades”? Talvez, uma tentativa inglória de assentar a poeira, de controlar o incontrolável, como uma espécie de dissonância entre narrativas do visto, sentido e vivido, nos instituímos rotulando, etiquetando, normalizando, regulando, legalizando, tentando, como disse, talvez, controlar a força instituinte da vida.

Esse produto, que foi desenvolvido através de reflexões e observações advindas da aplicação da SD (Sequência Didática), pretende dialogar com as demandas que levam ao isolamento no que se refere ao preconceito e letramento racial e todas as suas demandas, propondo ações pedagógicas que possam auxiliar

e desmistificar ações causadas pelo tempo. É tentar mudar dunas de lugar com o soprar do vento.

Figura 16 – Construindo possibilidades pedagógicas



Fonte: Autoral – Chat GPT (2025).

Promover com a SD um pensamento crítico ajudando a reconhecer os processos de práticas racistas no nosso cotidiano com a valorização da cultura afro-brasileira e africana, introduzindo em nossas ações diárias as contribuições desses povos na nossa sociedade, produzindo letramento racial na construção de identidades e integrando em nossos diálogos as legislações que contemplam esse tema, proporcionando o uso da interdisciplinariedade para articular o tema com outras áreas do conhecimento, fazendo com que a limitação social que nos assola se expanda para além do espaço escolar.

O *e-book* vem como um acesso fácil e contínuo para desenvolver os conteúdos e pode ser visto dentro e fora do ambiente escolar como prática diária para o conhecimento sobre letramento racial, promovendo um engajamento com auxílio de textos, vídeos e *links*, podendo ser compartilhado por todos do ambiente escolar, com registros permanentes de ações pedagógicas e atitudes que potencializem a igualdade racial dentro do espaço escolar. A proposta é criar possibilidades e partilhar

iniciativas de sucesso que fortaleçam o compromisso com a luta pela valorização da diversidade e o combate à discriminação racial. Coloca-se como exemplo a Escola Maria Felipa, em Salvador, que surgiu em 2017 e hoje também tem uma filial no Rio de Janeiro, que propõe uma educação afro-brasileira, escolhendo e valorizando a diversidade, sendo hoje reconhecida como um exemplo de educação inclusiva e inovadora. Idealizada pela professora e escritora Bárbara Carine Soares Pinheiro, a escola se propõe a desenvolver potencialidades.

Bárbara Carine nos apresenta uma escola que promove uma educação baseada nos referenciais afro-brasileiros, indígenas e africanos para repensar e reconstruir as ações pedagógicas. Esses conhecimentos tensionam e, ao mesmo tempo, dialogam com a ciência moderna, produzindo algo diferente e capaz de transformar as práticas ocidentalizadas e hegemônicas de currículo em práticas antirracistas (Gomes, 2013, p. 13).

Se fazem necessários exemplos inovadores que pensem o educar para além de espaços formais, ultrapassando limites estabelecidos por barreiras sociais, tornando-se fundamental para o resgate de ancestralidades perdidas. Somos indivíduos e sociedade ao mesmo tempo, combater os marcos civilizatórios que nos limitam enquanto construtores de espaços de troca é lutar contra os que até hoje cerceiam poderes. Segundo Gonzalez (1994, p. 383): “Passei por aquele processo, que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra”.

Se construir e desconstruir é um trabalho que dói, mexe com dores e sofrimentos muitas vezes esquecidos ou produzidos pela construção social que nos abala mentalmente e fisicamente, porém crescer é enfrentar fantasmas sociais, é um caminhar solitário pelo seu eu de um universo paralelo. Para tanto, se faz urgente o conhecimento sobre em que ponto estamos e para onde vamos.

Não perceber os marcos civilizatórios é não compreender que no restaurante os que mais servem são as pessoas pretas e a cozinheira preta foi substituída pelo chefe formado na França e que, no ambiente escolar, os que mais limpam o chão são as pessoas pretas. Não perceber os limites sociais é deixar tudo como está. Não trabalhar o letramento social é o tanto faz de cada dia. Temos que enfatizar exemplos de sucesso para construir uma sociedade menos desigual. Conforme Trindade (2013, p. 60-61): “Ora, uma educação multicultural, criativa e inclusiva, no sentido de incluir

na pauta as diferenças, o contato, o diálogo, a interação com as diferenças, coloca a própria escola num lugar de questionamento quanto ao seu papel, seu sentido, seu significado".

Figura 17 – Letramento racial como forma efetiva de resistência



Fonte: Autoral – Chat GPT (2025).

Finalizamos esta seção com Borges (2015, p. 1):

> [...] educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos [...]. Esta inclusão nos currículos da educação básica e superior amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

5 CONCLUSÃO

O espaço escolar, através de todos os seus agentes, é fundamental na construção e perpetuação de diálogos entre diversos e potentes conhecimentos que densifiquem relações sociais construídas e embasadas em falas únicas. Oportunizar reflexões utilizando recursos pedagógicos com apoio de tecnologias proporciona uma valiosa contribuição em práticas educacionais que podem ser transformadoras na construção do aprendizado sobre questões raciais.

Ao longo desse percurso, foi possível compreender a importância de reconhecer, enfrentar e desconstruir o racismo presente em nossos ambientes escolares, valorizando as potencialidades. A história do povo negro deve ser contada com todas as suas contribuições, fomentando a construção de identidades que se perderam pelo racismo estrutural construído nas escolas.

O uso de ferramentais digitais permite ampliar o acesso ao conhecimento e diversifica o ensino, tornando-o mais dinâmico e inclusivo. O uso do *e-book* funcionou como um instrumento didático com que os agentes da educação poderão ampliar o espaço de discussão e pensar em estratégias pedagógicas que possibilitem dentro do espaço escolar uma aproximação com lugares esquecidos para além de conteúdos formais.

Foi possível observar, ao trabalhar com temas ligados ao letramento racial, o desenvolver de uma consciência mais crítica que se faz fundamental para o processo na construção de uma educação antirracista. Promover espaços de trocas que contemplem todos os profissionais envolvidos no processo diário de educação foi fundamental neste trabalho, proporcionando descobertas de muitas dores escondidas nos afazeres diários e de muitos desencontros do ambiente de trabalho.

A contextualização de processos no letramento racial apresenta suportes para o profissional de educação tanto para a construção do conhecimento quanto para um exercício que possibilite mais autonomia para mediar temas étnico-raciais, promovendo flexibilidade para que o uso de conteúdos abordados seja incorporado a nossas rotinas escolares, possibilitando uma ressignificação de práticas que historicamente foram invisibilizadas por construções sociais organizadas para que essas se percam.

Foi possível aos profissionais não somente um aprendizado teórico e de legislações étnico-raciais, conforme preveem as Leis nº 10.639/2023 e 11.645/2008,

mas também a oportunidade de revisitar nossas identidades, preconceitos e afetos muitas vezes desconstruídos por representações sociais.

Neste sentido, a interação do letramento racial com tecnologias foi fundamental para perceber a potência que advém dessa articulação de saberes na consolidação de uma prática pedagógica transformadora. A sequência didática apresentada nesta formação produziu um espaço de troca fundamental para construção do produto final. Com a sequência didática foi possível nos direcionarmos para as lacunas presentes em diálogos em momentos de troca e nos questionarmos sobre os processos que teriam de ser desenvolvidos para saná-las. Produzir um produto final que alcance e ajude o espaço escolar como um todo, de forma a não só produzir conhecimento, e sim, mais que isso, produzir questionamentos. Perceber o quando o letramento racial dentro do espaço escolar direcionado é uma contribuição para uma sociedade com mais equidade e potencializa a construção de novas estruturas sociais, que ressignifiquem o lugar do eu com a construção do nosso.

Essa trajetória formativa proporcionou um encontro com minha ancestralidade perdida, um aprofundamento com o meu eu de mulher negra e criada para o servir. Foi possível perceber o quanto foi inviabilizado por mim e construído socialmente e intencionalmente o apagamento da minha construção sobre o letramento racial. Por muitas vezes, me vi perdida com o não reconhecimento da minha identidade enquanto pessoa negra. Participei de movimentos sociais na adolescência, como o CEBA, na década de 80, um dos primeiros movimentos negros do Brasil, em São Gonçalo, mas pela construção de uma identidade criada pelo externo, de afastamento racial e o poder do embranquecimento na construção social de ascender para ser igual, me distanciei – mais que isso, abortei minha ancestralidade.

Hoje, digo isso com lágrimas nos olhos e com dor na alma, me reencontrei com minhas avós e avôs e os que vieram antes deles, que sofreram todos os tipos das piores dores para que eu estivesse aqui, podendo, através da educação, que é a única forma de ascensão que conheci, de alguma forma ajudar a potencializar as vozes que como a minha ficaram caladas.

Conclui-se, portanto, que o letramento racial não é estático e que a mediação por recursos digitais não deve ser encarada como uma ação pontual, mais como um processo vivo, contínuo e permanente. É fundamental que os espaços escolares se debrucem em produzir ações pedagógicas que fortaleçam o compromisso com o letramento racial e com todos os seus processos, com um fazer político e ético para a

construção de uma educação plural, inclusiva e democrática, reconhecendo e estabelecendo uma consciência crítica na construção de identidades.

Acredito que esse processo de pesquisa deve ser compreendido como uma etapa introdutória, que poderá ser aprofundada futuramente em um projeto de doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/96, para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: MEC, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 8 jun. 2025.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. Salvador: NUBE Editora, 2023.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DIANGELO, Robin. **Fragilidade branca**: Por que é tão difícil para pessoas brancas falar sobre racismo. Boston: Beacon Press, 2011.

FONTANA, Roseli. **Metodologia da pesquisa em psicologia e áreas afins**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: LIMA, V. M. (Org.). **Cultura negra e educação**. Brasília, DF: MEC, 1984.

KIRNER, Tereza G.; SISCOUTTO, Roberto. **Realidade aumentada**: conceitos, projeto e aplicações. São Paulo: Novatec, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Gisele Rose da (Org.). **Azoilda Loretto da Trindade**: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2018.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. A afetividade e a diversidade nas práticas escolares. *In*: TRINDADE, A. L. (Org.). **Educação das relações étnico-raciais**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Ficha de Material Didático

Título: Material Didático - Letramento Racial com Tecnologias Digitais
Título em inglês: Educational Material - Racial Literacy with Digital Technologies

Descrição do Material Didático e de sua finalidade: Sequência didática digital para formação de professores sobre letramento racial.

Natureza: Digital (E-book Online).

Finalidade: Oferecer informações mais aprofundadas sobre letramento racial promovendo um engajamento, educando e conscientizando sobre conceitos como privilégios brancos, colorismo, entre outros como forma acessível e didática.

Demanda:
( ) Externa
( ) Edital
(X) Interna

Avanços tecnológicos/grau de novidade:
( ) Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;
(X) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos preestabelecidos;
( ) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente;
( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

Descrição da Abrangência realizada: Aplicado com professores e funcionários da UMEI Renata Gonçalves Magalde, no município de Niterói, abordando educação antirracista.

Descrição da Abrangência potencial: Pode ser aplicado em escolas públicas e particulares de todo o Brasil, contribuindo para a equidade racial e formação docente antirracista.

Descrição da Replicabilidade: Pode ser replicado em disciplinas de formação docente, educação infantil, sociologia e pedagogia em diferentes instituições.

APÊNDICE B – Software/aplicativo (programa de computador)

Título: Aplicativo - Sequência Didática Interativa para Educação Antirracista
Título em inglês: App - Interactive Didactic Sequence for Antiracist Education

Descrição da finalidade do software: Aplicativo com roteiro didático para capacitação de professores sobre letramento racial.

Avanços tecnológicos/grau de novidade: Utiliza interatividade digital e questionário embutido via Google Forms como recurso de diagnóstico e reflexão.

( ) Produção com alto teor inovativo
(X) Produção com médio teor inovativo
( ) Produção com baixo teor inovativo
( ) Produção sem inovação aparente

Descrição da Abrangência realizada: Aplicado na UMEI Renata Gonçalves Magaldi com professores da rede pública de Niterói.
Descrição da Abrangência potencial: Pode ser aplicado nacionalmente em redes de educação pública e privada, promovendo consciência crítica sobre raça e educação.
Descrição da Replicabilidade: Pode ser replicado em cursos de formação inicial e continuada de professores e adaptado para outras temáticas sociais.

Natureza: Aplicativo Móvel.
Finalidade: Oferecer uma sequência didática digital sobre letramento racial com apoio de materiais multimídia e interativos para fomentar práticas antirracistas na escola.
Plataforma: Android (mínimo: CPU quad-core, 2GB RAM, 50MB espaço livre).
Ambiente: Android 9.0 ou superior.
Desenvolvimento: Desenvolvido com Google Forms integrado via link, Canva para material gráfico, e ambiente Google Workspace.